

Liahona



Mensagem de Inspiração

Howard W. Hunter
do Conselho dos Doze

A 23/12 dezembro 1970
Liahona

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olimpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
F. Máximo

Produtor
Aldo Francesconi

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Correspondente
Estevam Giagnório

Estaca São Paulo Sul
R. Catequese, 432, Santo André, SP

Correspondente
Armando Jekabson

Missão Brasil Central
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

Correspondente
Bruce G. Howard

Missão Brasil Sul
R. Dr. Flôres, 105, 14^o
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748

Correspondente
Wilma Bing Torgan

Missão Brasil Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

Correspondentes
Michael D. Knight, Walimir Silva

Construção Geral no Brasil
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

Correspondente
Mancel Marcelino Netto

Departamento Fotográfico
Rui Marques Bronze

Creio que a maioria das pessoas segue um estrito código de ética, governando-se por esta magna regra: Viver de modo a invocar o melhor nos outros e portanto em si mesmo. Por certo isto é louvável e elevaria as relações em nossa tão complexa sociedade, se todos tivessem o desejo de assumir tal responsabilidade moral.

A ética é a base para um governo justo e para a formulação de uma jurisprudência imparcial e eqüitativa. É a base de todo sistema moral, social e econômico.

Concordamos em que seguir um estrito código de ética moral elevaria a sociedade a um alto grau de perfeição e muitos dos problemas atuais seriam resolvidos. Mas seria suficiente para atingirmos nossas metas na vida? Para aqueles que não acreditam na vida após a morte, a ética poderá ser suficiente para preencher os reclamos da conduta e da responsabilidade. Poderá haver quem, embora crendo numa vida no além, ache que a ética basta para ser-se salvo. Será isto verdade sem viver-se também os demais mandamentos de Deus?

Existe uma enorme diferença entre ética e religião, devendo-se distinguir entre aquele cuja vida se baseia unicamente na ética e o que vive uma vida realmente religiosa. A ética é necessária, mas a verdadeira religião abrange as verdades éticas e vai ainda muito além. A verdadeira religião fundamenta-se na crença num ser supremo; as bases da religião cristã são a fé em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo, e na palavra do Senhor segundo é encontrada nas Escrituras. A religião também vai além da teologia, sendo muito mais do que a crença na Deidade — é a prática dessa crença. James A. Talmage disse: "Pode-se estar bem versado em conhecimentos teológicos e, não obstante, carecer-se de um caráter religioso e quiçá moral. Se a teologia é uma teoria, a religião é uma prática; se a teologia é o preceito, a religião é o exemplo." (Regras de Fé, p. 15)

Para o cristão, a verdadeira religião é demonstrada pela real fé em Deus e a compreensão de que somos responsáveis perante êle por nossos atos e conduta.

Nêste Número

Mensagem de Inspiração. Howard W. Hunter	2
O Senhor Tem Prometido. Pres. Joseph Fielding Smith	3
"Deus Chamou-nos para Paz". Pres. Spencer W. Kimball	5
U'a Mulher Notável. Mabel Jones Gabbott	6
Oh! Estejam lá... Richard L. Evans	9
Cativo na Pedra. Paul James Toscano	10
O Milênio. Alvin R. Dyer	13
Uma Promessa Maravilhosa. Margery S. Cannon	17
Noite de Natal no Amazonas. Hazel Swanson	18
Aprender. John H. Vandenberg	21
Destruindo Barreiras. Marion D. Hanks	22
De seu Pai, José... Pres. S. Dilworth Young	23
Você é o seu Próprio Presente. Randy Swenson	25
Presentes que o Dinheiro... Eleanor Knowles	26
Em Quem Confiarei? William M. Dale	28
Vos Nasceu Hoje o Salvador. Pres. David O. McKay	30
Notícias da Igreja no Brasil	32
"Não Desperdiçarei meus Dias..." Richard L. Evans	40

Capa

Harry Anderson, autor da já famosa pintura de Cristo ordenando os apóstolos, exposta no Pavilhão Mórmon da Feira Mundial de Nova York, posteriormente foi encarregado de fazer oito quadros para o Centro de Visitantes da Praça do Templo na cidade de Lago Salgado. Essas pinturas ilustram eventos importantes na vida dos profetas das diversas dispensações. Uma delas é baseada em Isaías 7:14 e 9:6-7. Mostra o profeta registrando na presença de duas testemunhas, como lhe fôra ordenado, as boas novas do Príncipe da Paz dadas a êle e ao Rei Acáz pelo Senhor. A capa dêste mês é uma reprodução de parte do quadro.

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B. n.º 1, de Matriculas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263, impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Subscrições: Tôda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 10,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,00; exemplar atrasado: Cr\$ 1,20. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço, devendo-se guardar até oito semanas para o processamento postal.



O Senhor tem Prometido

Presidente Joseph Fielding Smith

Esta é a estação escolhida pelo homem para celebrar o nascimento de Jesus, o Cristo. Indubitavelmente o nascimento mortal do nosso Irmão Maior é o mais importante evento da história do mundo. O Filho de Deus veio pessoalmente ao mundo para nos mostrar com seu exemplo o caminho para a vida eterna, sendo êle próprio isento de qualquer pecado. **Não nos é possível desculpar-nos da violação das leis de Deus alegando desconhecê-las.**

Nós não ignoramos as coisas de Deus, pois nos foram dadas a saber desde os dias de Adão até agora e estão registradas nas sagradas Escrituras. Desde o princípio mensageiros vindos da presença de Deus têm sido enviados à terra para inculcar no coração dos homens e revelar-lhes tudo o que é essencial para a salvação. Com todos êsses mandamentos diante de nós, somos agentes morais responsáveis perante o Altíssimo, tendo a obrigação de sermos obedientes.

Os principais e fundamentais princípios dêsse plano de salvação são:

1. Fé em Deus, o Pai, em seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo. Devemos aceitá-los como a autoridade presidente nos céus, como os que governam e controlam tôdas as coisas, e são onipotentes, justos e verdadeiros.

2. Precisamos aceitar a infinita expiação de Cristo, crendo que êle é o Redentor do mundo, tanto da transgressão de Adão como de nossos pecados individuais, sob condição de arrependermo-nos.

3. Devemos nos arrepender de todos os nossos pecados, entregando a Deus os nossos corações com o sincero intento de servi-lo.

4. É preciso que sejamos batizados por imersão na água para remissão de nossos pecados por alguém que tenha sido chamado por Deus e investido com a autoridade divina para ministrar as ordenanças do Evangelho.

5. Devemos receber a imposição das mãos sôbre nossa cabeça por quem tenha autoridade e por meio de sua ministração receber o batismo do Espírito Santo — O Espírito da verdade e profecia que nos guia em tôda a verdade.

6. Devemos estar dispostos a servir o Senhor de todo o coração, poder, mente e fôrça, guardando seus mandamentos até o fim.

É sôbre estas leis que se baseia a salvação, e as bênçãos prometidas são para todos os homens. Não se trata de condições severas ou dolorosas, estando ao alcance das fôrças do mais fraco entre os fracos, bastando que se deposite confiança no Salvador.

Por intermédio do Filho o Pai prometeu que tudo o que possui será dado aos que forem obedientes a seus mandamentos. **Êles crescerão em conhecimento, sabedoria e poder, indo de graça em graça até que a plenitude do dia perfeito irromperá sôbre êles.** Tornar-se-ão, através da glória e bênçãos do Onipotente, **criadores.** Todo o poder e domínio ser-lhes-á dado, e serão os únicos a quem será concedida esta grande bênção.

Tudo o que o Pai possui! O homem mortal apenas está começando a entender o escôpo dessa promessa!

Para merecê-la, precisamos tornar-nos como aquêles humildes pastôres que velavam no campo na noite do nascimento de Jesus Cristo:

“E, eis que o anjo do Senhor veio sôbre êles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.

“E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis que aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo:

“Pois na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo o Senhor...”

“E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais louvando a Deus, e dizendo:

“Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.

“E aconteceu que, ausentando-se dêles os anjos para o céu, disseram os pastôres uns aos outros: Vamos pois até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fêz saber.” (Lucas 2:9-11, 13-15)

Para fazer juz a esta promessa, devemos ser como os homens sábios que, vindo do Oriente a Jerusalém, disseram: “Onde está aquêle que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrêla no oriente, e viemos para adorá-lo.” (Mateus 2:2)

Nesta ocasião quero, junto com os santos em todo o mundo, expressar minha gratidão pelo nascimento do Filho Unigênito. Possa eu desejar-vos o melhor desta época festiva, orando ao Pai que continue a vos abençoar enquanto buscais servi-lo e guardar seus mandamentos.





“Deus Chamou-nos para a Paz”

— 1 Coríntios 7:15

Presidente Spencer W. Kimball

Presidente em exercício do Conselho dos Doze

Terá a paz abandonado a terra?
Será a tranqüilidade um passado quase olvidado?

A lei e a ordem já não passarão de uma preciosa lembrança? Onde está a paz? O que fizemos dessa coisa tão preciosa? O Senhor nô-la deu como uma possessão permanente e uma bênção. “A minha paz vos dou,” disse êle. (João 14:27) Êle elaborou a fórmula, misturou os ingredientes e nô-la deu gratuitamente.

“Deixo-vos a paz,” acrescentou, concedendo-a como uma possessão permanente enquanto a merecêssemos. Não era algo para ser dissipado ou perdido.

Então, onde está essa preciosa paz que nos foi concedida tão generosa e abnegadamente? Será que, em nossa precipitação de conseguir nossa inteira parcela do mundo e seus emolumentos, a perdemos?

“Não se turbe o vosso coração,” disse também o Mestre. Quão perfeitamente sabia êle que se perdêssemos a arte de manter a paz cairíamos no atoleiro das tribulações! Se não é possível ter ambos mas apenas um, qual será nossa escolha? O mundo propicia um, o céu nos dá o outro.

“Nem se atemorize”

Sofreremos tribulações quando a paz nos poderia proporcionar alegria? Precisamos trancar a porta para nossos companheiros de viagem? As calçadas nos protegem de nossos semelhantes? As crianças ainda podem rir e a juventude pode cantar e a família viver sem conflitos e temores?

Terá o temor substituído a segurança? Será preciso aumentar a força policial e proteger em seu crime o homem iníquo enquanto a vítima padece indefesa?

Permitimos que o inocente tenha que se abrigar dentro de casa, atrás de portas trancadas, enquanto o criminoso continua em liberdade? Que espécie de paz êle nos deu e deixou?

“Não vô-la dou como o mundo a dá.” Não é munições, canhões, bombas e abrigos; não é prisões, polícia, tribunais e advogados. Esta é a paz do mundo.

“Tenho-vos dito isto para que em mim tenhais paz,” declarou Jesus, querendo dizer que devemos ser como êle, viver seus mandamentos, amar nossos semelhantes e seguir suas pegadas. Êste é o tipo de paz que êle chamou de “a minha paz.” (João 16:33)

Poderão perguntar-me: “Onde está a Paz?” Certa vez eu a vi em tôda a sua majestade.

“Tenho-vos dito isto para que em mim tenhais paz,” (João 16:33)

Camilla Eyring Kimball U'a Mulher Notável

Mabel Jones Gabbott

No alto, Camilla, a quarta da direita para a esquerda, com amigas em Colônia Juarez em 1910.

No centro, Srta. Camilla Eyring (Kimball) com sua classe de economia doméstica na Academia de Millard, Hinckley, Utah.

Vim a compreender,” diz Camilla Eyring Kimball, “que a minha família é a coisa mais preciosa de minha vida. Nossa vida está completamente envolvida por nossos filhos; suas alegrias e pesares, seus sucessos e desapontamentos compõem nossa vida. Para nós são o que realmente importa. Apenas desejaria que os membros da família — os netos, primos — não estivessem tão dispersos. Hoje em dia as famílias parecem ter mais mobilidade — mantinham-se mais ligadas quando eu era criança. Precisamos cultivar a amizade de nossos parentes tanto quanto a de nossos amigos. Não conheceremos bem nossos parentes enquanto não nos esforçarmos por conhecê-los.”

A infância incomum de Camilla levou-a a ter uma inesquecível convivência com os primos, avós, pais e os demais membros da família. É filha de Edward Christian Eyring e Ca-

Ali, junto ao balcão da rouparia do templo na Suíça, estava a encantadora senhora alemã, devolvendo as vestes usadas por ela na primeira sessão realizada no novo templo. Era de estatura mediana, impressionando por seu porte de régia dignidade.

Ela vivera na parte da Alemanha na qual a II Guerra Mundial cobrara seu maior tributo. Conhecer a guerra em seu aspecto mais sangrento, o terror no seu pior. Embora tivesse pouco mais de quarenta anos, seus cabelos estavam prematuramente grisalhos. Seu físico mostrava vestígios de privações e as linhas do seu rosto registravam, como que por tinta indelével, sofrimento mental, angústia e desgosto.

Escondera-se em cantos escuros quando as sirenes das tropas de assalto nazistas enchiam as ruas de terror. Esgueirara-se pelas sombras até o mercado para conseguir meio quilo de peixe; ficara longas horas na fila para comprar uma fôrma de pão, paga com cédulas de um milhão de marcos.

Despedira-se esperançosa, do seu amado, quando este partiu para a frente de batalha. Encolhera-se aterrorizada durante os mortíferos mergulhos dos bombardeiros, contando as infundáveis horas entre os ataques.

Aguardara dias sem fim, inutilmente, pelas cartas ou notícias de seu querido espôso, dias que se transformaram em semanas, as semanas em meses e estes, em anos intermináveis; e quando parecia que não mais seria possível suportar as agonias, agüentar a incerteza, veio o armistício. E depois, as listas dos feridos, desaparecidos e mortos; e entre estes, o nome do seu amado.

Onde estaria seu corpo, não conseguiu nem mesmo imaginar, mas pelo menos acabara-se a incerteza. Estava viúva. Tinha que encarar os fatos e enfrentar o inevitável. Teria de viver o resto de seus dias mortais sozinha, à espera da eternidade. Somente o Evangelho a sustentara nas provações, terrores e sofrimentos dos meses passados. Dali por diante teria de viver de modo que a prometida reunião pudesse tornar-se realidade. Tinha que estar preparada para quando fôsse construído o templo.

E aqui estava ela no novo templo, em Berna. Eu a encontrara recentemente no ramo que freqüentava, quando ainda vivia da esperança. Agora a via REALIZADA. O trabalho vicário fôra feito, estava selada ao espôso amado. As linhas do rosto haviam-se suavizado e com voz branda disse-me:

“Que venham guerras se fôr preciso. Que estourem bombas destruidoras, que se alonguem as filas de alimento, que se amontoem as pilhas de entulho, soem os tiros, a morte ronde por perto! Que venha o que tem que vir. Eu estou pronta. Conheço a Deus, amo ao meu Senhor Jesus Cristo. Estou selada ao meu espôso para a eternidade. Agora tudo posso suportar. Estou em paz.”

Eu a vi em sua dignidade e orgulho. Eu a vi em paz, e então pareceu-me ouvi-lo dizer:

“...Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas!

“Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.” (Romanos 10:15; 14:17)

Camilla Eyring Kimball
Spencer e Camilla Kimball
em Pompéia, Itália, em
julho de 1937.



Presidente e Irmã Kimball
com seus cinco filhos e
primeira neta.

Camilla, seu
irmão Henry e
sua irmã Mary.

"Jovens casais Populares"
— Sr. e Sra. Spencer Kimball

Camilla,
com um ano de idade,
em Colônia Juarez,
México.

roline Romney Eyring, tendo nascido na Colônia Juarez, Chihuahua, México, e sido batizada no Rio Piedras Verde que ainda tinha uma fímbria de gelo sobre a água, conforme ela recorda. Até cerca de 1910 a família viveu numa casa de tijolos vermelhos no lado oriental do rio que dividia a pequena vila de Colônia Juarez. Camilla freqüentava a escola que funcionava na capela da ala; o sino da igreja, fazendo as vêzes de relógio do povoado, chamava as crianças à escola. ("Ainda hoje me sinto nostálgica quando ouço o bimbalar de um sino de igreja," comenta)

Transpondo o Rio Piedras Verde havia uma ponte oscilante que Camilla atravessava quando ia brincar após as aulas com Augusta Ivins, cuja família residia na margem ocidental. O regulamento doméstico exigia que estivesse em casa ao pôr do sol. As montanhas a oeste faziam o sol desaparecer mais cedo da ca-

sa dos Ivins, e se corresse tão célebre quanto possível, chegava em casa exatamente na hora do sol se pôr. Quando se atrazava, o que acontecia vez por outra, levava "umas boas palmadas de mamãe".

"Mamãe" era Caroline Romney, uma filha de Miles Park Romney e Catherine Cottam Romney. Nasceu em St. George, mudando-se com a família para St. John's, Arizona, onde seu pai editava um jornal, o "Orion Era". Posteriormente mudaram-se para o México. Edward Christian Eyring, pai de Camilla, era filho de Henry Eyring que em 1862 fôra chamado para ajudar a colonizar o sul de Utah, em St. George. Em 1887 Vovô Henry Eyring transferiu-se com a família para o México.

Certo dia, o Bispo Miles Romney trouxe à sua casa no México, como convidado para uma festa de gala, o jovem Edward Eyring. Caroline e a

mãe estavam colhendo flôres no jardim quando chegaram. Ao primeiro olhar trocado por Caroline Romney e Edward Eyring decidiu-se a futura vida de Camilla. Seu nome, Camilla, que significa "presente ao sacrifício", ganha nôvo sentido quando se conhecem tôdas as facêtas da vida dessa incomparável mulher.

Caroline e Edward Eyring proporcionaram a Camilla uma infância segura e feliz em Colonia Juarez, onde excursões, festas, apresentações teatrais de peças de Shakespeare, bailes semanais e programas escolares eram de cunho familiar e comunitário.

"Há muitas vantagens em viver numa época que abrange dos dias de viagem a cavalo e carruagem à era do jato," acredita a Irmã Kimball. "É somente pelo contraste que aprendemos a apreciar devidamente. Delicio-me em reviver minha infân-

cia quando a família era auto-suficiente e a pequena comunidade uma grande família.”

Ela lembra que freqüentemente escreviam suas próprias peças e cantatas; as obras dramáticas encenadas pelos amadores locais eram muito emocionantes — “Vovô Romney era um grande ator shakespeariano,” recorda ela. Havia oportunidades para todos os talentos. “Trabalhávamos todos juntos para produzir nossos divertimentos.”

Esse incomum companheirismo na distante colônia foi destruído pela guerra civil mexicana. Camilla recorda ainda os anos de guerrilhas em que bandidos invadiam a cidade e se apoderavam de tudo o que desejavam na loja que fornecia as mais variadas mercadorias, ou passavam pelas fazendas de gado matando quanto quisessem. No verão de 1912 os santos tiveram que abandonar seus lares. “Foi um acontecimento traumático,” diz ela, “ter que deixar o lar e a segurança tão de repente e mal preparados.” No dia anterior haviam engarrafado 100 litros de amoras pretas que esconderam debaixo do assoalho do alpendre, pois o pai acreditava que estariam de volta dentro de algumas semanas.

Camilla, a mais velha dos filhos, então com 17 anos, recorda o verão em El Paso, o acampamento atulhado para mulheres e crianças o calor terrível, os alimentos fornecidos pelo govêrno. “A Cruz Vermelha trazia rações diárias para as mulheres e crianças”, conta, “e fiquei tão enjoada do mingau de trigo e salmão enlatado...” Por volta de outubro os homens haviam deixado o México, deixando grandes propriedades bastante prejudicadas.

Como parte da indenização, o govêrno mexicano forneceu passagens de trem gratuitas para qualquer estado da União aos mórmons que tivessem amigos ou parentes que pudessem por êles responsabilizar-se. Camilla viajou para Provo, Utah, indo viver com seu tio Carl Eyring e freqüentar o curso colegial da Universidade de Brigham Young. (Ela havia completado dois anos dêsse curso na Academia da Estaca de Juarez.)

A Irmã Kimball sorri ao recordar aquêles primeiros dias de escola em Provo. Foi numa época de mudança do comprimento das saias, e ela saíra de El Paso com dois vestidos novos e um casaco, todos curtos, para descobrir que naquele outono a moda mudara e as saias atingiam o tornozelo. Já era quase Natal quando sua mãe conseguiu material suficiente para fazer-lhe outros vestidos no comprimento da moda. O casaco continuava curto e ela teve que usá-lo assim. “Agora acho graça,” diz ela, “mas para quem tinha 17 anos era uma tragédia.”

Aquêles foram dias árduos de tensão e adaptação. Camilla trabalhava longas horas para poder manter-se e pagar as taxas escolares. Aquela vida feliz e segura a que estava acostumada se fôra; mas a vida feliz, veio a descobrir, não se faz anunciar, seja qual fôr a idade, ao som de tambores e cornetas. “Ela vai crescendo ano a ano, pouco a pouco, até que descobrimos que enfim a temos. Você não encontra a vida feliz,” diz ela, “você a constrói.”

Camilla começou a construir uma vida feliz para si! Em junho de 1914, ao formar-se no curso colegial, completava também um ano de estudos universitários de economia doméstica com um certificado especial para lecionar nas academias da Igreja. Passou um verão na Universidade da Califórnia, em Berkley, e visitou a Feira Mundial de São Francisco. Mais tarde lecionou na Academia Gila em Thatcher, Arizona, e na Academia Millard em Hinkley, Utah. Passou também um ano em Logan, Utah, estudando no Utah State Agricultural College (atualmente Universidade Estadual de Utah). A 16 de novembro de 1917 casou-se com Spencer W. Kimball.

O casal Kimball estabeleceu-se no Arizona, onde lhes nasceram quatro filhos. O Élder Kimball foi eleito governador distrital do Rotary Club, o que lhes possibilitou diversas viagens maravilhosas, inclusive uma visita a 13 países europeus em 1937 e três viagens à Palestina. Êles haviam acabado de mudar-se para uma nova casa em Safford, Arizona, quando em 1943 veio a “decisiva chamada telefônica que mudou completa-

mente os planos da nossa vida. Spencer foi chamado como membro do Quorum do Doze Apóstolos da Igreja.” E assim os Kimball transferiram-se para a cidade de Lago Salgado, iniciando um nôvo capítulo de suas vidas.

A Irmã Kimball tem sido sempre uma fiel colaboradora de seu marido sempre tão atarefado, bem sucedido, interessado pelo bem-estar público e leal servidor da Igreja, dando também sua contribuição inteligente e espiritual em todos os lugares em que viveram. Quando o Presidente e a Irmã Kimball receberam o diploma honorário de Mestre Cavalheiro e Ceifeira de Ouro em 1958, foi dito dela: “Ela nunca se cansa de servir seus semelhantes, particularmente em fazer o bem àqueles que possam ser esquecidos pelos demais. Ela irradia o espírito do Evangelho onde quer que esteja. Realmente privilegiados são os que tiveram a oportunidade de conhecê-la mais de perto. Ela possui aquêlo raro equilíbrio de sofisticação e humildade, de reserva e amabilidade, que caracterizam uma grande e incomum personalidade.”

A Irmã Kimball sempre está disposta a compartilhar seus talentos e treinamento acadêmico. Tem contribuído para os cursos de extensão em economia doméstica. Seu grande conhecimento literário tem favorecido e apoiado o crescimento e aumento de bibliotecas. Como presidente dos “Eastern Arizona Federated Women's Clubs” (Clubes Femininos Federados do Arizona Leste) foi uma inspiração para suas companheiras de clube. Tem trabalhado na associação de combate ao câncer e participado em programas educativos pela televisão, apresentando um grupo de debate sôbre as grandes obras literárias.

Entre seus passatempos a leitura está em primeiro lugar (foi uma leitora muito requestada para apresentações públicas e dramáticas); em segundo lugar estão os trabalhos manuais (tem recebido prêmios em feiras estaduais por seus trabalhos de agulha e croché). Gosta de viajar, especialmente com a família; possui uma coleção de colheres de prata e estatuetas de todo o mundo.

Quando ainda adolescente, a Irmã Kimball dava aulas a um grupo de senhoras com idade suficiente para serem sua mãe, e tinha a temeridade, diz ela, de pensar que poderia ensinar-lhes não somente como cozinhar e administrar a casa, mas também como educar os filhos. Agora, 50 anos depois, após ter criado sua própria família, afirma que não ousaria dizer a ninguém como fazê-lo. Entretanto, sua bela e bem sucedida família, na qual encontramos Spencer LeVan Kimball, Olive Beth Kimball Mack, Andrew Eyring Kimball e

Edward Lawrence Kimball, fala por ela. "Sinto que, seja como for," diz ela, "somos muito afortunados tendo quatro maravilhosos filhos, todos com instrução universitária e casados no templo com cônjuges dignos, além de nos darem 27 maravilhosos netos.

"Sou grata pelas maravilhosas comodidades modernas e por todos os excitantes progressos que a ciência moderna nos proporcionou," acrescenta Camilla Eyring Kimball. "Mas sei que não trazem automaticamente

a felicidade. Havia certas vantagens naqueles dias atarefados e auto-suficientes dos anos passados. Uma parte daquela vida simples pode ser revivida acampando em família e visitando regiões rurais. Essas experiências servem para uma reavaliação e nos lembram que não devemos encarar nossas comodidades como coisa assegurada nem considerá-las imprescindíveis. A felicidade é encontrada no indivíduo, não por viagens à Lua ou Marte — mas nas satisfações proporcionadas pelo ajustamento maduro à vida."

Oh! Estejam lá, mães - estejam lá

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

Tempos atrás descobri um casal de pombos construindo um tosco ninho no recôndito de um vão do lado externo de uma janela. Era inverno. Veio o frio. Devia ter sido difícil descobrir alimento. Foi a mãe quem ficou. Foi ela quem se manteve firme contra minha aproximação importuna. Foi a mãe que aqueceu e protegeu o ninho contra elementos até que seus dois filhotes tivessem, em segurança, rompido a casca dos ovos. Era quem, de uma forma ou de outra, encontrava comida e os alimentava, até que fôsem capazes de voar. Foi a mãe que perseverou até o fim e ganhou o meu máximo respeito por sua incansável dedicação. Oh, quão admiráveis são essas criaturas que obedecessem fielmente ao seu instinto maternal! De inúmeras maneiras têm sido as mães de todos os tempos em tôdas as partes — que têm estado presentes quando preciso, como preciso, sempre. Quão maravilhoso é encontrar u'a mãe esperando, vigiando, sempre a postos, quando uma criança chega em casa e pergunta: "Onde está mamãe?" — mães que moldam a personalidade, que lançam o fundamento do caráter, que orientam e planejam o futuro; que tornam o lar um recanto de paz, de amenidade; que escutam, partilham, estabelecem padrões, dão conselho e incentivo, dão à criança a certeza de que é querida. As mães são o coração do lar: humildes, fiéis, modestas — mães que amam, servem, ensinam — virtude honra, honestidade; que cumprem o que prometem, compreendem enganos; mães que executam as tarefas de cada dia com amor e abnegação, dando muito de si mesmas. U'a mãe em casa, u'a mãe a espera, é uma das maiores fontes de segurança e confiança. E voltar para um lar vazio — ou casa vazia — deixa uma criança tão desorientada. "Mamãe está em casa?" "Onde está mamãe?" Oh, estejam lá, mães — estejam lá — pois sua presença será uma bênção para seus filhos agora, e sempre, e para sempre. Oh, estejam lá. Deus abençoe as mães e as recordações delas.



Cativo

Ao fundo, à direita, na sombra de uma arcada, aparecia uma panóplia esculpida em pedra, ilustrando cenas da antiga Grécia e Roma — cenas de guerras e da mitologia.

Havia também na praça uma estátua de Hércules guardando a entrada de duas galerias de arte: Galeria dos Ofícios e o Palácio da Senhoria. Este último edifício é um exemplo de arquitetura em estilo florentino. Sua famosa torre de pedra, elevando-se no céu profundamente azul de Toscana, é o marco mais conhecido da silhueta de Florença.

Entretanto, a obra que tudo dominava naquela praça era a escultura denominada **Daví**, obra prima de Michelângelo Buonarroti, escultor, pintor, arquiteto e poeta italiano que viveu de 1475 a 1564.

O **Daví** foi esculpido em puro mármore de Carrara. É magnífico. Sua expressão facial, as sutis insinuações de luz e sombra, o ritmo harmonioso da musculatura nas coxas e braços, os detalhes das mãos e dedos — tudo é digno de elogios é admiração.

Quando perguntaram ao mestre escultor Miguel Ângelo qual o segredo de seu gênio artístico, consta ter êle respondido que, na realidade, não esculpia suas estátuas, alegando que seu método de trabalho era muito mais simples, fácil e natural. Dizia que em cada bloco de mármore havia uma imagem escondida, e que êle apenas desbastava o excesso, liberando assim o que estava cativo na pedra.

Ao examinar atentamente seu maravilhoso Daví, o cativo gloriosamente libertado, meus pensamentos voltaram-se para sete anos atrás quando também eu era um cativo na pedra.

Nos anos antes de ter ouvido falar da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sentia-me profundamente perturbado, pois havia falhado na busca de respostas para minhas dúvidas acêrca de Deus, do ho-

Paul James Toscano tornou-se membro da Igreja em 15 de março de 1963. Natural de Brooklyn, Nova York, foi um dos primeiros missionários enviados à Itália, onde foi editor do jornal da missão. Em maio de 1970 formou-se em Artes pela Universidade de Brigham Young.

A cidade de Florença se aninha nas ondulantes colinas da Toscana, num sítio aprazível às margens do Rio Arno.

Num quente dia de verão estávamos, meu companheiro missionário e eu, na Piazza della Signoria, no centro de Florença.

Lembro-me perfeitamente daquela nossa visita. O sol cintilava como um florim de ouro no céu claro. Ao entrarmos na praça, o pavimento se estendia à nossa frente qual enorme quebra-cabeça de bolas de gude. Através da sola dos sapatos podia-se sentir o calor transmitido pelos lisos seixos arredondados.

Como usualmente, a praça estava fervilhando de turistas trajando roupas coloridas, sobrecarregados com mapas, tabelas, guias e equipamento fotográfico — um espetáculo espalhafatoso. Pareciam mais interessados nos pombos semi-domesticados do que nos monumentos artísticos que se elevavam em tórno de nós.

A nossa esquerda, erguendo-se majestosamente no centro de uma fonte ampla e fresca com seus repuxos borrifantes, havia a escultura de um Netuno musculoso que, segurando seu tridente, alongava seu olhar fixo por sôbre turistas e pombos.

na Pedra

Paul James Toscano

mem e do universo. Conseqüentemente, tornara-me deprimido, melancólico, mal humorado, preocupando meus pais. Começara a duvidar da existência de Deus, raciocinando que se houvesse um Deus, certamente não deixaria o homem sozinho, sem respostas.

Qual a origem do homem?

Qual o propósito da mortalidade?

Qual o destino do homem?

Como deveria ele viver enquanto aqui na terra?

Embora muitas pessoas tentassem responder minhas perguntas, ninguém conseguia satisfazer-me. Encontrava-me num dilema.

Entretanto, embora não encontrasse respostas satisfatórias, sentia-me obrigado levar uma vida moral. Meus pais sempre me haviam ensinado a viver retamente e a ser honesto, e decidi seguir esse código mesmo desconhecendo o porquê.

Mas descobri também que me era muito difícil viver assim. Com o passar dos anos o maligno procurava tentar-me a abandonar o plano traçado. Embora minhas intenções fossem boas, eu não tinha força bastante para levá-lo avante e viver uma vida justa. Muitas vezes deixei-me vencer pelas tentações. Não sabia eu, então, que sem a companhia constante do Espírito Santo seria-me impossível viver retamente.

Comecei a ficar desencorajado. Não conseguia encontrar respostas para minhas perguntas, e minha tentativa de levar uma vida reta parecia um fracasso insuperável. Tinha sido derrotado em ambas as frentes! Não encontrava mais uma saída para tal derrota, estando prisioneiro da minha própria fraqueza e ignorância. Eu era um cativo dentro da pedra.

Foi nessa conjuntura da minha vida que tive o primeiro contato com a Igreja.

Recordo claramente o dia em que meu amigo Blaine pediu-me que ouvisse o que os missionários tinham a dizer-me. Estávamos regressando da escola numa fresca tarde californiana quando, ao dobrarmos a esquina em direção da minha casa, ele subitamente perguntou:

— O que você sabe acerca da Igreja Mórmon?

Sua pergunta inesperada pegou-me de surpresa. Eu sabia que Blaine freqüentava a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, pois vira esse nome na capa de um fichário que costumava trazer para a escola. Foi naquele momento que pela primeira vez dei-me conta de que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e a Igreja Mórmon eram uma só. Disse-lhe que certa vez conhecera uns vizinhos que eram mórmons, mas que já se haviam mudado há anos.

— Você gostaria de conhecer mais sobre ela? — prosseguiu com um sorriso.

— Eu já tenho religião. Não pretendo mudar, — respondi ligeiro. Não lhe falei que buscara infrutiferamente respostas para minhas perguntas, nem tampouco do meu fracasso em levar uma vida reta.

O sorriso de Blaine desvaneceu-se e continuou a andar um pouco em silêncio.

— Eu não lhe pedi que mudasse — disse finalmente, — apenas perguntei se gostaria de saber um pouco mais sobre a Igreja.

Notei que Blaine estava determinado a que eu conhecesse mais acerca dos mórmons.

Eu havia conhecido Blaine no segundo ano do curso colegial, e passara a admirá-lo e respeitá-lo muito. Ele era diferente de muitos colegas de classe. Talvez eu visse que vivia da maneira como eu desajaria viver, ou então notasse nele aquela confiança que nos dá fé em Cristo. Não importa o porquê, sabia que gostava dele e não queria ferir seus sentimentos. Assim consenti em comparecer a uma reunião na casa dele, onde estariam os missionários. Afinal, que mal haveria? Eu já lhe dissera que não pretendia mudar. Naquela altura, suponho, inconscientemente comprometera-me a continuar cativo dentro da pedra.

Finalmente chegou o dia do encontro com os missionários. Vi-me na modesta sala de estar da casa de Blaine olhando para dois jovens pouco mais velhos do que eu, sentados do outro lado da mesinha baixa. Até hoje me lembro do nome deles: Élder Banes e Élder Ertly.

O primeiro pediu a Blaine que fizesse a primeira oração, iniciando assim a reunião. Sentia-me ansioso em debater com os missionários e fazer-lhes toda espécie de perguntas difíceis que ninguém na minha igreja conseguia responder. Contudo, os élderes mostraram-se muito firmes em ater-se ao assunto: a necessidade de um profeta vivo. Eu não queria falar sobre profetas modernos, mas sim discutir o mistério da trindade. Mesmo assim, falamos de Joseph Smith.

Os missionários prosseguiram explicando o propósito da missão de Cristo, a organização da sua Igreja na Palestina, a história da apostasia, a maravilhosa restauração do Evangelho, do Sacerdócio e da Igreja através da instrumentalidade do jovem vidente desta dispensação. A isto tudo acrescentaram seu próprio testemunho da divindade do chamado de Joseph Smith e da veracidade da Igreja restaurada.

Senti-me impressionado, mas não quis admiti-lo. Francamente, não fui bom aluno naquele dia. Dificultei sobremaneira a tarefa dos missionários, desviando constantemente o assunto da lição, fazendo perguntas irrelevantes, argumentando com eles. Desafiei o seu conhecimento das Escrituras, em suma, portei-me de maneira impossível. Duvido que depois daquela primeira reunião os missionários tivessem alguma esperança de algum dia conseguir que eu me batizasse.

Mas no meu íntimo alguma coisa **havia** acontecido. Os missionários demonstravam tanta confiança, suas respostas eram tão concisas, e a veracidade da mensagem tão óbvia, que me sentia vencido. Eu acreditava no que haviam dito — mas não pretendia admiti-lo tão cedo. Era por demais orgulhoso!

Não obstante, eu não era estúpido. Sabia reconhecer a verdade quando a ouvia.

Naquele dia, ao chegar em casa perguntei a meus pais o que achavam de eu filiar-me a uma outra igreja. Eles não ficaram muito impressionados com a idéia, pois achavam que era apenas um capricho passageiro.

Durante os dois anos seguintes freqüentei regularmente as reuniões da Igreja e estudei o Evangelho, preparando-me para o dia em que meus pais consentiriam em meu batismo.

Era março de 1963; recordo-me vagamente de haver subido correndo a escada da casa de Blaine, acenando com o formulário de autorização assinado. Ambos estávamos tão entusiasmados que ficamos pulando pela sala aos gritos, arrebatamento que continuou por diversos dias.

No dia 15 de março de 1963 entrei nas águas do batismo e fiz o convênio com Deus de que estava disposto a tomar sobre mim o nome de Cristo. Comprometi-me também que ajudaria a carregar o fardo alheio; a confortar os que necessitassem de conforto; a chorar com os enlutados e a ser uma testemunha de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em todos os

lugares. Se fôsse fiel nessas coisas até a morte, sabia ter a promessa de ser redimido e contado entre os da primeira ressurreição e ter vida eterna. (Veja Mosíah 18:8-9)

No dia seguinte, um domingo, fui confirmado membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, tendo recebido o Espírito Santo.

Com esta ordenança iniciou-se o processo de libertação das fraquezas e da ignorância. No devido tempo receberia respostas para todas as minhas perguntas, e, com a ajuda do Espírito Santo, eventualmente seria capaz de levar uma vida reta.

Eu deixaria de ser um cativo dentro da pedra.

Naturalmente, a total libertação do pecado e da ignorância levaria tempo, talvez o resto da minha vida mortal. Mas podia antever o dia em que gozaria de perfeita liberdade. Podia antever o dia em que estaria liberto de quaisquer influências nocivas sob o reino celestial (**History of the Church**, Vol. I, p. 269; D&C 78:19) e seria completamente envolvido pela glória e poder de Deus. (**Teachings of the Prophet Joseph Smith**, p. 51.)

Sete anos mais tarde, quedava-me naquela ensolarada praça italiana, um missionário da Igreja, imerso nas memórias da minha conversão. Fitando ainda a estátua de Davi, pensei novamente no que Miguel Ângelo dissera dos blocos de mármore: Em cada um deles existe cativa uma imagem. O mesmo pode ser dito de nós. Dentro de cada um de nós, existe cativa "a imagem não esculpida" da Deidade. (Truman G. Madsen, **Eternal Man**; Deseret Book Co., Salt Lake City, Utah, 1966; p. 17)

Precisamos apenas colocarmo-nos nas mãos do Mestre e seus servos, os profetas, e eles nos ensinarão como desbastar todos os excessos para assim libertar a divindade cativa dentro de nós.

Da mesma forma como Miguel Ângelo, o escultor, guiava cuidadosamente seu cinzel sobre suas criações, Cristo, o mestre dos escultores, nos guiará pelo poder do Espírito Santo ao nos empenharmos em libertar o cativo dentro da pedra. Se seguirmos o que nos diz o Senhor, seremos bem sucedidos.

E quando tivermos removido os defeitos e arestas e o pó da mortalidade, surgirá refulgindo em gloriosa luz, o nosso eu liberto. Então não mais seremos cativos do erro, da ignorância e da morte; mas puros e níveos como mármore de Carrara, livres das coisas sórdidas do mundo.

A realização não será nossa somente; pois o "eu" esculpido só virá a ser uma obra-prima se atendermos à voz do Mestre.

Que consigamos ser fiéis aos nossos convênios e sempre usufruir o conforto e revelações dadas pelo Espírito Santo, libertando assim o cativo dentro da pedra, é a minha oração.

M

O MILÊNIO

Alvin R. Dyer

Assistente do Conselho dos Doze

O termo milênio é derivado das palavras latinas "mille", significando 1.000, e "annus", um ano. É um período de 1.000 anos.

Será interessante esboçar resumidamente os pontos de vista dos homens concernentes ao período denominado "milênio" nas Escrituras.

Os Milenários ou Quiliastas

Após o advento de Cristo na terra, houve os que defendiam a opinião de que o Salvador retornaria e reinaria durante um período de mil anos. Estes eram chamados de milenários ou quiliastas. Tal conceito, conhecido como "quiliasma" (derivado da palavra grega "chilioi" significando mil), era comum e tinha muitos adeptos na primitiva Igreja de Cristo. Essa crença baseava-se geralmente no seguinte salmo: "Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite" (Salmo 90:4), que compara mil anos do homem a um dia com o Senhor. Os seis dias da criação descritos no relato de Moisés eram interpretados como 6.000 anos de labor, e o sábado subsequente, como 1.000 anos de repouso e felicidade. O milênio seria o repouso sabático da nova criação da humanidade. Os quiliastas recorriam aos escritos de João para apoio de seu ponto de vista, citando frequentemente a conhecida passagem em Apocalipse que começa: "E vi um novo céu e uma nova terra... (Veja Apocalipse 21:1-6)

Os primitivos cristãos judeus apegavam-se a esta idéia na esperança de que eles, como povo, governariam durante o milênio sob o real Messias. Os ebionitas, seita de judeus do segundo século que acreditavam ser Jesus o Messias sem ser de origem divina; os nazarenos, seita judaico-cristã que aceitava a divindade de Jesus Cristo, e os coríntios, todos advogavam o milênio, como o fazia outra seita cristã cismática do segundo século, conhecida pelo nome de seu fundador, Montanus, que o considerava doutrina fundamental da religião cristã mas afirmava ser o Consolador prometido por Cristo.

Em seguida o conceito do milênio atravessou muitos séculos de crença e descrença, mas após aquele primeiro período do cristianismo, nunca recobrou grande força, embora a reforma tivesse dado novo ímpeto à idéia do quiliasma.

Desconhecimento do Milênio

Embora as sagradas Escrituras, aceitas pela maioria dos cristãos, façam referência a esse "período sabático" da existência terrena, é surpreendente como tais passagens são mal interpretadas e surpreendente também é a ausência total, no ensino doutrinário do mundo cristão, do propósito e necessidade do milênio. O silêncio acêrca do assunto, como também o repúdio, sem dúvida derivam-se de informação incompleta ou perdida.

Há uma espécie de milênio prevista por aqueles que não crêem em religião, tratando-se porém de um milênio material, um tipo de utopia, que está, sendo afirmam, perfeitamente dentro das possibilidades futuras. Ensinam que a raça humana precisa providenciar sua renovação e aperfeiçoamento pela eliminação de doenças e insuficiência de qualquer tipo, e pela persistente e feliz multiplicação dos melhores elementos da nossa raça, num contínuo progresso ao longo da hierarquia da vida a ser alcançado por meios naturais.

Em sua maior parte, êsses conceitos têm sido e continuam sendo perversões do verdadeiro conceito do milênio. Somente por revelação de Deus, que estabeleceu seus limites e período de tempo, torna-se possível ao homem conhecer o real sentido e propósito do milênio.

O Milênio Segundo os Profetas — Antigos e Modernos

Os limites e habitação da vida terrena foram estabelecidos antes de Adão, o primeiro homem, aqui chegar. O período do milênio é uma parte vital e necessária da habitação do homem na terra. Embora freqüentemente seja considerado um período de descanso e paz entre os homens, um tempo em que toda a inimizade entre a natureza, animais e homem desaparecerá, em que dor e sofrimento não mais serão a sina comum dos seres humanos, tais condições devem ser encaradas como características dêsse período e não particularmente como seu propósito.

Na sabedoria de Deus, o Pai, os aproximadamente últimos mil anos da existência de vida na terra testemunharão a culminação de sua obra entre toda a humanidade. Através da palavra dos profetas, a êles revelada por Deus, é-nos dado saber que sob o reinado pessoal de Cristo no milênio, muito trabalho será concluído com êxito, a fim de preparar todos os homens para suas designações e colocação na esfera da existência eterna subsequente à mortalidade e ressurreição do corpo mortal. Neste sentido, o "descanso" não será parte do milênio. Êsse nosso descanso será antes uma libertação de dolorosa labuta e lutas, pois o trabalho a ser feito será prazeroso, glorioso, e executado em condições ideais. Na realidade, não é possível visualizar, pelo que nos dizem as sagradas Escrituras, o milênio como uma época de se viver alegremente a êsmo, sem cuidados ou obrigações. Isto não faz parte do plano preordenado dêsse grande período de ajustamento, julgamento e preparação.

As Aparições de Cristo para Estabelecer o Reinado do Milênio

Não devemos esquecer-nos de que Jesus Cristo, o Filho de Deus, é o administrador encarregado do plano de vida e salvação sobre a terra em prol de toda a humanidade. Êle retém os direitos, poderes e chaves do Sacerdócio delegados ao homem em várias épocas e lugares durante a jornada da existência mortal. Por isso seu grande cuidado e maior envolvimento imediato estarão em evidência até que a obra da vida mortal seja concluída. Dali por diante êle terá domínio ainda maior, a fim de favorecer os justos.

Como foi predito e será decididamente necessário, a presença pessoal de Cristo na terra durante a aproximação do milênio será suficientemente freqüente, e sua influência e poder constantes, para que a sua obra, que levará ao estabelecimento dêsse período, seja posta em execução.

Grande Conselho Sacerdotal dos Anciões em Adam-ondi-Ahman

Numa revelação dada a Joseph Smith em Harmony, Pensilvânia, no mês de agosto de 1830, o Senhor se refere à "hora que virá" (Veja D&C 27:5), quando se reunirá na terra com muitos dos antigos profetas que o serviram, cada qual na sua época. Foi no vale de Adam-ondi-Ahman que Adão, três anos antes da sua morte reuniu sua posteridade que se mantivera fiel e lhe conferiu sua derradeira bênção. E será nesse mesmo vale que o "Ancião de Dias" se assentará segundo o decretado na visão tida pelo profeta Daniel. (Veja Daniel 7:9) Ali se postarão diante de Miguel aqueles que possuíram as chaves em cada dispensação, e devolverão sua mordomia ao Patriarca Príncipe da raça, o qual possui as chaves da salvação. Esse será um dia de julgamento e preparação.

Uma vez que Cristo viverá e reinará pessoalmente sobre a terra pelo espaço de 1000 anos, as chaves que serão devolvidas a Adão serão então entregues por êste a Cristo. Assim, a totalidade do poder do Sacerdócio retornará ao Filho. Naquele grande conselho em Adam-ondi-Ahman, para o qual poderão ser convocados muitos dos atuais líderes fiéis da grande obra divina dos últimos dias, o Senhor assumirá oficialmente as rédeas do govêrno desta terra. (Veja Alvia R. Dyer, *The Lord Spenketh*; Deseret Book Co., Utah 1964, p. 183-5).

A Transferência de Autoridade

A ação de maior importância para o mundo será a transferência de autoridade do impostor e usurpador, Lúcifer, para o soberano legítimo, Jesus Cristo. O Sa-

cerdício ali reunido apoiará essa ação e receberá instruções e delegação de autoridade diretamente do Senhor, à medida que prosseguirem os preparativos para o advento do milênio. O mundo não terá conhecimento da realização dessa assembléia, nem os membros da Igreja em geral. Apenas os oficialmente designados comparecerão. Esta aparição de Cristo precederá a sua segunda vinda e cumprirá a profecia que diz que ele virá "como o ladrão de noite". (I Tess. 5:2; veja também Mateus 24:43)

As profecias e revelações salientam que importantes realizações devem preceder o verdadeiro reino milenário de Cristo. A estas, sem dúvida, será dada plena consideração no grande conselho sacerdotal em Adamondi-Ahman, que será presidido pelo Filho de Deus, Jesus Cristo. Serão dadas instruções para:

1. A construção da cidade de Nova Jerusalém pelos descendentes de Efraim e Manassés, com a colaboração de todos os gentios que receberam os convênios eternos e são contados entre os da Casa de Israel. (Veja 3 Néfi 21:22, 23)

2. O trabalho em favor dos remanescentes de Jacó (Iamanitas), que prosseguirá com grande fervor naquela época. (Veja 3 Néfi 21:23, 26)

3. A preparação para o retorno das tribos perdidas para que se tornem parte de Nova Jerusalém. (Veja 3 Néfi 20:21, 26)

O Senhor Virá Súbitamente ao Seu Templo

Outra importante aparição do Senhor antes da sua vinda definitiva ocorrerá no templo da Nova Jerusalém, o qual deverá ser edificado na parte central de Sião, na área agora conhecida como Jackson County, Missouri. (Veja 3 Néfi 21:25) Certamente essa aparição, diante dos designados a comparecer, destinar-se-á a providências adicionais para o reino milenário de paz na terra e boa vontade para com os homens. Para que isto se torne possível, nessa ocasião o Senhor "em julgamento e com maldição descerá sobre o mundo; sim, sobre todas as nações que se esqueceram de Deus e sobre todos os ímpios." (D&C 133:2) Como o Profeta Malaquias proclamou acerca dessa vinda especial do Senhor: "Ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros." (Malaquias 3:2)

Nos dias de preparação para o reino milenário de Cristo, os santos de Sião serão provados como jamais o foram, para que seja determinado se realmente merecem presenciar a vinda do Senhor.

A Destruição dos Iníquos

Os Instrumentos da Destruição: A destruição dos homens iníquos e perversos, no período que precede o milênio, será provocada por eles mesmos. Sua própria desobediência e as leis da justiça que não permitirão que o poder do Espírito Santo contenda com o homem, serão a causa principal da derrocada e decadência entre as civilizações terrenas.

Haverá Nítidas Distinções: É importante notar, pelo que evidenciam as profecias, parábolas e revelações diretas, que todas as referências a esse período de tempo na culminação da obra de Deus aqui na terra distinguem claramente o **justo** e o **injusto**, o **virtuoso** e o **iníquo**, o **bom** e o **mau**. Tal distinção, embora geral em cada categoria, tornar-se-á ainda mais pronunciada nos anos finais da existência do homem na terra, e eventualmente levará a uma batalha decisiva entre as hostes do inferno conduzidas por Lúcifer e os exércitos da justiça guiados por Miguel, o príncipe. (Veja D&C 88:111-115)

A Confinação de Lúcifer: Com a destruição dos iníquos, os que restarem sobre a terra viverão em justiça e Satanás não terá poder sobre eles, pois que Satanás, ou Lúcifer, será manietado. Não podendo mais enganar ou confundir o homem, seu poder é inútil. E com Satanás assim manietado, o trabalho necessário do sétimo milênio, o sábado da criação, poderá prosseguir.

As Duas Grandes Capitais Mundiais

Em preparação para o governo mundial sob a direção de Cristo, os justos, ou aqueles que restarem sobre a terra após a destruição dos iníquos, serão formados em um reino glorioso. Os mais dignos entre aqueles que deverão participar da grande obra a ser concluída durante esse período, serão convocados dentre as nações e reunidos em dois locais: uns em Jerusalém, para os descendentes étnicos de Judá, referidos como "as ilhas de Sião", e tantos descendentes de outras tribos de Israel quantos sejam necessários; e os outros na cidade de Nova Jerusalém, conhecida como Sião, onde o grosso dos descendentes étnicos de todas as demais tribos de Israel, comandados pela tribo de Efraim que é o primogênito patriarcal de Israel, serão os primeiros a atender ao toque de reunir. Com a reunião das "ilhas", ou continentes, como nos dias antes da terra ser dividida, Veja D&C 133:22-34; também Gên. 10:25), a distância entre as cidades de Jerusalém e de Nova Jerusalém, que será construída no atual centro geográfico dos Estados Unidos, será grandemente reduzida.

O Reino de Deus

O reino de Deus, como a Igreja de Cristo, tem estado sôbre a terra nestes últimos dias desde a restauração do Santo Sacerdócio e das chaves pelas quais seu poder é exercido. O reino de Deus esteve estabelecido sôbre a terra em diversos outros tempos, a começar com a outorga divina do Sacerdócio a Adão. Esses tempos são chamados dispensações, e a derradeira e maior delas, "a dispensação da plenitude dos tempos", (Efésios 1:10; D&C 112:30) é a que existe atualmente sôbre a terra. Por conseguinte, a Igreja de Jesus Cristo, ou o reino de Deus, está estabelecido sôbre a terra.

O Reino dos Céus

A oração do Senhor, dada como modelo para os que oram em seu nome, inclui o seguinte: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu." (Mateus 6:10) Concernente ao estabelecimento do reino dos céus sôbre a terra, temos a seguinte declaração:

"...O reino dos céus, que compreende a Igreja e abraça tôdas as nações, será estabelecido com poder e grande glória quando o Rei triunfante vier com suas hostes celestiais governar e reinar pessoalmente sôbre a terra que redimiu com o sacrifício de sua própria vida.

"Como já se viu, o reino dos céus compreenderá mais que a Igreja. Os homens honoráveis e honrados gozarão de proteção e dos privilégios de cidadania sob o sistema perfeito de governo que Cristo administrará, sejam membros da Igreja ou não." (James A. Talmage, Regras de Fé, pp. 332, 333)

Aquêles que aceitam plenamente o Evangelho e são filiados à Igreja, durante o milênio terão o direito de possuir e exercer o Santo Sacerdócio, para a sua própria salvação, e em favor de seus parentes que viveram e faleceram antes do reino milenário de Cristo e que esperam como que numa prisão, até que sejam libertos pelo trabalho vicário.

A Segunda Vinda de Cristo

A décima Regra de Fé da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias declara a convicção de seu povo de que "Cristo reinará pessoalmente sôbre a terra". A inspirada declaração estabelece a principal razão da segunda e gloriosa vinda do Filho de Deus, que deverá reinar sôbre a terra com os filhos adotivos que lhe foram dados pelo Pai. O Profeta Joseph fez esta seguinte declaração importante referente ao domínio governamental que será dado ao Senhor:

"Tem sido o desígnio de Jeová desde a fundação do mundo, e é seu propósito agora, regular os negócios do mundo segundo o tempo de Deus, ficar à cabeça do universo e tomar as rédeas do governo em suas mãos. Quando isto estiver feito, justiça será administrada em retidão; a anarquia e confusão serão destruídas, e as "nações não mais aprenderão a guerrear" (Veja Isaías 2:4; citação traduzida diretamente do inglês. N. do T.) É por carência dêsse grande princípio de governo que tem existido tôda essa confusão, pois "que não é... do homem que caminha o dirigir os seus passos" (Jer. 10:23); isto ficou plenamente demonstrado. (Documentary History of the Church, vol. 5, p. 63)

Patriarcas e Profetas Virão com o Senhor

Enoque e os que viviam em sua santa cidade, os patriarcas, profetas e apóstolos, acompanharão o Senhor na majestade e glória de sua segunda vinda. Com referência aos doze apóstolos da dispensação meridiana e seu lugar na presença do Senhor quando êle vier, o Senhor declarou: "Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sôbre tronos, julgando as doze tribos de Israel" (Lucas 22:30; veja também Mateus 19:28) Idêntica designação no milênio foi dada aos doze discípulos nefitas que foram chamados pelo Senhor para ministrar ao povo. Ao Profeta Joseph Smith foi prometido que veria "a face do Filho do Homem", (D&C 130:15), pois quando o Senhor vier, conforme afirmou o Profeta, "vê-lo-emos tal como é... um homem como nós". (D&C 130:1) Noutra ocasião também foi prometido ao Profeta que o Senhor, quando aqui estiver, beberá "do fruto da vinha" com êle, Joseph, e com Moroni, Elias, Eliaías e outros profetas. Veja D&C 27:5-12)

Assim sendo, é lícito presumir que todos os justos, os dignos de serem chamados santos, que conheceram a Deus e obedeceram os mandamentos do Evangelho de Jesus Cristo, que viveram e morreram ou foram trasladados, ou que talvez já tenham ressuscitado, bem como os que aguardam a ressurreição no mundo espiritual, juntamente com os que viverem na terra na época da sua vinda, serão vivificados pela ressurreição "num piscar de olhos" (D&C 101:31) e arrebatados para encontrá-lo nas nuvens.

A grandiosidade, o espantoso poder e a majestade da sua segunda vinda ao mundo têm sido descritos pelos profetas, aos quais foi dado conhecer por revelação, visão e manifestação do próprio Senhor, êsse glorioso evento, pelo qual anseiam os corações dos homens bons desde o comêço.

Uma Promessa Maravilhosa



Margery S. Cannon

Seria possível?

O velho Simeão fitava de soslaio o homem e a mulher que acabavam de entrar no templo. O homem levava uma gaiola com dois filhotes de pombo. Êstes seriam oferecidos em sacrifício; estava certo disso, pois assim o mandava a lei. A mulher, extremamente jovem, carregava em seus braços uma criança que devia ter umas seis semanas, idade com que usualmente os bebês eram apresentados no templo.

Simeão cofiava sua longa barba encanecida. Havia algo naquele infante que...

— Seria possível? — admirava-se em voz alta.

A excitação começou a manifestar-se no velho Simeão. Estivera esperando e vigiando atentamente há tanto, tanto tempo... Talvez êste fôsse o dia tão ansiosamente aguardado.

Muita gente em Jerusalém sabia que Simeão, antes de morrer, queria ver o Salvador. Fôra por isso que êle ansiara e orara acima de tudo o mais. E, por mais surpreendente que fôsse, Simeão sabia que sua oração seria atendida. Era como que uma promessa dada a conhecer a êle.

Sentiu-se impelido para junto do casal pelo mesmo sentimento que o induzira a vir ao templo nesse dia.

O coração de Simeão pôs-se a martelar.

— Poderia ver vosso bebê? — implorou.

A jovem aquiesceu sorrindo, estendendo a criança.

Simeão fitou o rosto do infante quase que não ousando respirar. Então um sentimento de imenso júbilo começou a apossar-se dêle. A promessa tornara-se realidade.

Reverentemente tomou a criança em seus braços. Lágrimas de gratidão rolavam-lhe pela face.

Orando a Deus em gratidão e louvor, elevou os olhos para os céus: "Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra; pois já meus olhos viram a tua salvação, a qual tu preparaste perante a face de todos os povos; luz para alumiar as nações, e para glória de teu povo Israel." (Lucas 2:29-32)

Maria maravilhou-se com aquelas palavras pronunciadas sôbre seu filho, pois por um momento esquecera-se de que, antes de nascer, seu filho recebera de um anjo de Deus o nome de Jesus, que significa Salvador.

Noite de Natal no Amazonas

Joana Hurlgah, garotinha de dez anos, jogou as longas tranças louras para trás lutando por reter as lágrimas. Estava ajudando a mãe e sua irmã menor, Juliana, nos preparativos para receber os convidados que viriam comemorar com eles a véspera do Natal.

Joana não estava com vontade de deixar todo aquele alvoroço e dirigir a charrete puxada pela mula Serena através de oito quilômetros de mata virgem só para buscar a Sra. Rubados. Era pena que nenhum dos convidados morasse para aqueles lados do seringal. Poderiam trazê-la.

A família de Joana vivia numa bem acabada casa de adôbe na floresta amazônica, e que agora rescendia tôda aos picantes aromas das iguarias preparadas para a festa. A mãe fizera um caprichado cuscuz recheado de sardinhas em conserva e camarões. Seis galinhas temperadas esperavam ser metidas no grande forno de tijolos já aquecido no ponto exato.

Hazel Swanson



— Vamos, Joana, deixe de resmungar, — dizia a mãe jovialmente, andando alvoroçada sobre o soalho de pranchas recém esfregadas. — O verdadeiro espírito do Natal é de amor e dar algo de si. Você não vai querer que a sra. Rubados passe esta noite sozinha em sua cabana.

— Mas levarei no mínimo umas três horas, mesmo que Serena não empaque. Ela sempre tem medo de encontrar uma cobra no caminho. Vou acabar chegando atrasada e perdendo a festa.

A sra. Hurlgah abanou a cabeça.

— Ora, vamos. Chega disso agora. Sei que não é fácil ser filha de seringueiro. Mas é assim que seu pai ganha a vida. Devemos ser gratos por tôdas as coisas, mesmo pela necessidade de trabalhar. Mesmo pelo trabalho exigido para dar felicidade a alguém.

Naquele momento Joana não se sentia muito grata. Queria botar os biscoitos no forno e ficar com Juliana junto da fantástica árvore de Natal de plástico que o Tio Alberto mandara de Nova York.

Juliana estava montando o lindo presépio que era um dos mais preciosos bens da família, em cuja posse estava há mais de cem anos, e a única coisa que haviam trazido da Holanda quando de lá emigraram depois da guerra. As duas meninas, nascidas na nova pátria, sempre sentiam que aquele pedacinho da Holanda dava vida e alento às histórias que seus pais contavam sobre a terra deles. Imaginem neve e canais congelados para a gente patinar, em pleno Natal! Aqui na floresta tropical era sempre

o mesmo, exceto pelas súbitas pancadas de chuva.

Joana procurava apressar o passo de Serena com assobios e leves cutucões. Até que estava se portando bastante bem ao puxar a charrete vermelha pelo caminho sinuoso entre as seringueiras. Joana começava a sentir-se mais alegre. Mamãe estava certa. Teria sido muito triste para a sra. Rubados ter que passar a véspera de Natal sozinha, agora que todos os seus filhos estavam vivendo nas cidades costeiras. E na verdade, Joana nunca se importara de andar por aquele caminho.

Aves coloridas passavam por cima da sua cabeça, e além do sussurro do vento nas árvores cujos ramos se entrelaçavam no alto, ela podia ouvir o alarido dos muitos animais selvagens.

Mais de duas horas passaram-se até que Joana alcançou a cabana de um só cômodo que a sra. Rubados chamava de lar. A velha senhora de pele escura, curvada por alguma enfermidade em seus ossos, esperava-a junto da porta aberta. Seus vivos olhos castanhos revelavam seu cálido aprêço. Em poucos minutos Joana arrumara-lhe um lugar confortável na parte trazeira do carrinho com algumas mantas coloridas.

— Vamos, Serena, tudo pronto. Vamos para casa, — gritou com vivacidade. Se tudo corresse bem, estariam em casa antes do anoitecer.

Não se passaram quinze minutos de caminhada, quando despencou súbitamente uma daquelas torrenciais chuvas da estação.

— Oh! não, — exclamou Joana. — Procure cobrir-se, sra. Rubados. Ainda temos muito que andar.

— Talvez seja só um aguaceiro, — respondeu-lhe esta confortadamente. Joana também o esperava, mas quanto mais avançavam ao longo do caminho, a chuva parecia engrossar. Contudo, Serena e ela estavam acostumadas à chuva. Poderia atrasá-las, mas não muito.

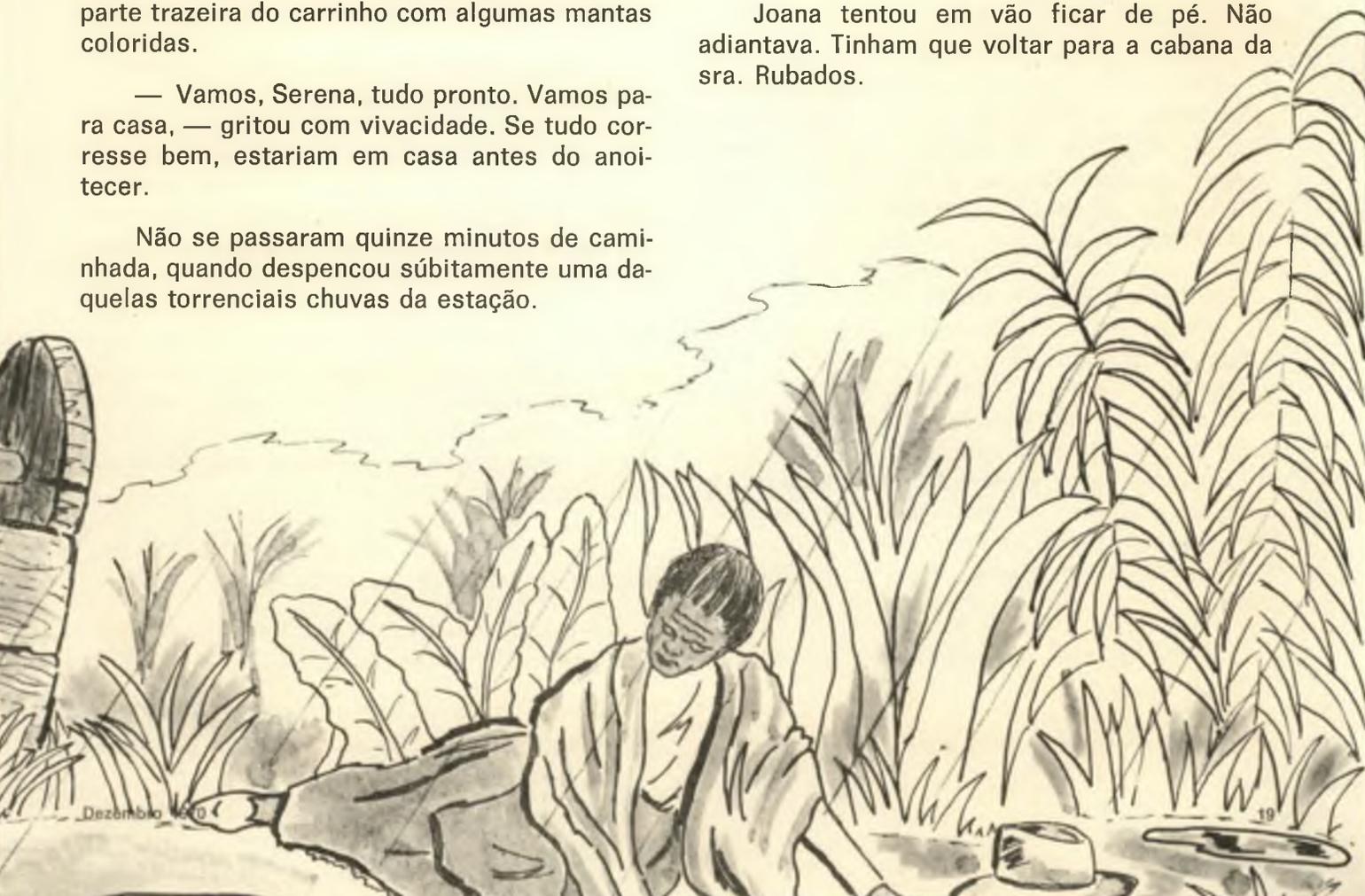
Tudo estava indo muito bem quando, de repente, uma grande ave precipitou-se duma árvore e espantou a mula. A charrete foi arrancada dos sulcos da trilha, agora escorregadia devido às folhas molhadas, depois tombou. A anciã e a menina encontraram-se enleadas numa confusão de mantas e folhagens encharcadas.

Ao tentar libertar-se e se pôr de pé, Joana soltou um grito: — Ai, meu pé, meu tornozelo.

A sra. Rubados lutando por manter-se sentada na trilha enlameada, abanava a cabeça.

— Precisamos voltar para a minha casa. É preciso enfaixar êsse tornozelo. Venha, vou ajudá-la. Apóie-se em mim.

Joana tentou em vão ficar de pé. Não adiantava. Tinham que voltar para a cabana da sra. Rubados.



— Agora vamos perder a festa de Natal — lamentou-se, as lágrimas escorrendo pelas faces quase tão abundantes como a chuva.

— Ora, — consolou a velha senhora, — se é véspera de Natal na sua casa, é Natal da minha também, mesmo sendo só uma choupana. Além do mais, o que é preciso tem de ser feito.

Não demorou muito, alcançaram a cabana. A mula Serena as seguiu desconsolada, como se ela também estivesse infeliz por perder aquela maravilhosa celebração.

— Descanse aqui na cama, menina. Vou preparar um pouco de chocolate quente e acender uma vela. Depois tratarei do seu tornozelo. A dor logo passará.

A vela lançava uma claridade bruxuleante enquanto Joana tomava o chocolate aos golinhos. Ao olhar em redor examinando a humilde mobília da cabana, descobriu um presépio armado em cima duma cômoda de pinho.

— Oh, a senhora também tem um presépio, — comentou Joana, procurando não gemer enquanto a velha senhora enfaixava delicadamente seu tornozelo.

— É, todo Natal eu o ponho ali em cima da cômoda. Meu marido esculpiu as figuras e meus filhos as pintaram. Estão precisando de pintura nova. Assim é o destino das coisas, perdem seu colorido. Mas é bom ter uma criança em casa na noite de Natal. É bom. É como uma bênção do céu.

A despeito de seu desapontamento, Joana não podia deixar de sentir-se comovida pela bondade daquela mulher. Como devia ser triste não ter ninguém com quem compartilhar o presépio — e estar sòzinha no Natal. Não fôra à tóa que a mãe fizera questão de convidar a sra. Rubados para passar o Natal com êles. Joana agora sentia-se arrependida de ter-se rebelado, contudo não conseguia reter as lágrimas ao lembrar-se do que as duas estavam perdendo.

— Oh, querida, o pé ainda dói? — indagou a anciã.

Joana confirmou com um aceno de cabeça.

Era melhor culpar o pé pelas lágrimas.

Repentinamente um focinho peludo escancarou a porta com um repelão.

— Serena, — gritou a menina, — saia já daqui, você não pode entrar.

A senhora procurou segurar a mula pelas rédeas, mas esta voltou-se bufando e logo em seguida ouviram seus cascos chapinhando na chuva. Afagando os cabelos da menina a anciã procurou acalmá-la:

— Não tenha mêdo, pequena holandesa. Eu já vi muitas tempestades. Elas sempre acabam passando e o sol volta a brilhar. Você gostaria que eu lesse a história do Natal na Bíblia?

Num instante retornou com uma Bíblia muito usada; encontrou facilmente a passagem e pôs-se a ler:

— E tendo nascido Jesus em Belém...

E ao prosseguir com a leitura, algo de mágico parecia estar acontecendo às desbotadas figuras do presépio. O Menino Jesus, estendendo seus bracinhos confiante aos que o rodeavam, parecia sorrir. Fôra num lugar tão humilde como aquela cabana que êle havia nascido.

Súbitamente, acima do uivar da ventania, ouviram uma voz chamando.

— É o papai, exclamou Joana, tentando levantar-se para no mesmo momento desistir devido à dor no tornozelo. Estava certa; era realmente o pai montando Malhado, o pônei. Dentro de pouco tempo Serena estava atrelada à charrete, cuja roda já fôra recolocada. Era bom ver papai todo preocupado com ela, enquanto a acomodava junto à sra. Rubados na charrete coberta por uma lona. E dessa vez não mais haveria dificuldades com Serena, agora que as rédeas estavam prêsas à sela do cavalo montado pelo pai.

A anciã voltou a afagar as tranças de Joana com sua mão encarquilhada.

— Você é uma boa menina, disse. Logo você estará em casa para celebrar o Natal.

Joana sorria. Lá no íntimo ela sabia que já havia celebrado o Natal com a sra. Rubados.

O Bispo Presidente Fala à Juventude Sobre:

APRENDER

Bispo John H. Vandenberg

Tôda experiência nos ensina algo. O poeta americano Walt Whitman escreveu uma poesia sobre a criança que saiu a passear, e tudo que viu tornou-se parte dela. O mesmo se dá com todos nós. Tudo que vemos, ouvimos e fazemos passa a fazer parte de nós. Todos os dias aprendemos alguma coisa, seja acidental ou deliberadamente.

Não obstante, cada um de nós dispõe de livre-arbítrio e poderá, até certo ponto, escolher o que deseja aprender. Os pesquisadores nos dizem que grande parte da juventude de hoje é educada primordialmente pela televisão.

Tem sido alegado que assistir televisão desenvolve o vocabulário da criança. Nos Estados Unidos onde a televisão tem cunho comercial, certo pesquisador pediu a um grupo de crianças de seis a doze anos que fizessem uma lista de palavras que aprenderam pela televisão. Essas listas incluíam 15 marcas de cerveja e 13 de cigarros. Certo tipo de detergente aparecia em tôdas as listas.

Com cuidadosa seleção, existem muitas coisas boas a serem aprendidas pela televisão, mas as crianças e adolescentes deveriam ser prevenidas quanto às alegações publicitárias feitas através de todos os meios de comunicação. Se concluírem que os produtos tão apregoados acêrca

dos quais ouvem e lêem diàriamente conduzem à felicidade e popularidade, tal aprendizado pode provocar apenas desapontamento.

Naturalmente aquêles jovens que vivem o Evangelho não se deixam iludir assim.

Como nos dá orgulho quando vemos e ouvimos das realizações da nossa juventude SUD no campo educacional e outros de valor. Sentimo-nos prazerosos com o grande número de jovens que sinceramente acredita que a glória de Deus é inteligência, e que tudo faz para atingir seu potencial.

É uma grande fonte de satisfação saber que tantos da nossa juventude aproveitam o ensejo de freqüentar nossos seminários e institutos de religião, bem como a programação regular do Sacerdócio e das auxiliares. Somos gratos àquelas pessoas dedicadas que amam a juventude e passam horas orando e estudando a fim de bem apresentarem as lições inspiradas escritas por irmãos e irmãs igualmente dedicados. Estamos interessados em que tôda a juventude da Igreja receba os benefícios de tão excelentes experiências de aprendizagem.

Nossos jovens dispõem de oportunidades para aprenderem a expressar-se aceitando as designações para falar nas diversas reuniões da

Igreja. É um maravilhoso adestramento para adquirir autoconfiança e obter sucesso na vida. A pessoa que sabe expressar-se sempre leva vantagem sobre aquela que não o sabe. Apreciamos nossos diretores de oratória que de bom grado se dispõem a auxiliar nossos jovens, pois aprender a comunicar-se é uma das mais valiosas lições que podemos aprender.

Disse alguém que a conversação é uma arte que já não existe mais. Não é preciso que assim seja se em nossas famílias todos os membros contribuírem. Por exemplo, poderá haver agradável conversação à mesa do jantar, se cada familiar contar uma história sobre a coisa mais interessante que viu ou ouviu durante o dia. Como é agradável notar um irmão ou irmã expressar genuíno interesse pelas atividades dos outros, enquanto simultaneamente estão aprendendo a comunicar-se facilmente.

A Igreja patrocina um programa que possibilita às famílias o aprendizado em grupo numa reunião familiar. Tal programa alcança maior sucesso nos lares em que há boa cooperação e participação dos jovens. As crianças menores imitam a atitude entusiasta dos maiores.

Freqüentemente sentimo-nos emocionados nas reuniões de testemunho das conferências de jovens. Não

se pode deixar de pensar então que maravilhosa contribuição seriam esses testemunhos numa reunião de jejum da ala, e como seria valiosa para os jovens a experiência de aprender a falar diante de adultos numa atmosfera tranqüila e espiritual como a dessa reunião.

Todos nós aprendemos algo de nossos colegas e companheiros de todos os dias. Esperamos e oramos que nossa gente jovem tenham companhias que lhes ensinem como viver melhor o Evangelho, companhias que procurem encorajar e apoiar seus esforços. É bom mostrar-se amável com todos e é louvável procurar ajudar os que parecem tomar o caminho errado. Contudo, não nos esqueçamos daquela criança que foi passear, e tudo o que viu tornou-se parte dela. Nós aprendemos de nossos companheiros, e se pretendemos ser o mestre em lugar de aluno, é conveniente estarmos seguros

de que somos tão fortes e sábios e preparados quanto possível.

O Senhor nos admoestou a procurar conhecimento nos melhores livros, "mesmo pelo estudo e também pela fé". (D&C 88:118) A leitura é uma inestimável fonte de saber, na qual precisamos usar nosso livre-arbítrio escolhendo sensatamente o que ler, pois tudo que lermos também tornar-se-á parte de nós.

Há tanto que aprender a fazer e a ser. E a mocidade é a melhor época para se aprender. A juventude é o tempo certo para se preparar para o sucesso e felicidade nos anos futuros; é a época de se tomar decisões. Se você decidiu que deseja sair em missão, este é o tempo de se preparar. Se você aspira uma vida inteira de trabalho profissional satisfatório, esta é a época de adquirir o necessário adestramento. Sentimos tanto orgulho do jovem que procura apren-

der um ofício como daquele que busca ensino superior.

A mocidade também é o tempo de se sonhar, mas não permitam que os sonhos tomem o lugar dos estudos e do trabalho. Se você sonhar com um casamento no templo, agora é a época para inteirar-se do que é preciso para ser digno de tal casamento. Esta é a hora de se preparar para ser a espécie de homem ou mulher que seria escolhido como cônjuge para toda a eternidade por uma pessoa de valor. Se você pretende futuramente formar sua própria família, esta é a época de adquirir a personalidade e caráter imprescindível para criar e orientar filhos.

Depositamos grande fé e confiança na juventude SUD de hoje. É dela que a Igreja espera liderança nos anos futuros. Estamos certos que ela estará preparada quando for chamada.

Destruindo Barreiras

Marion D. Hanks

Assistente do Conselho dos Doze

As canções e histórias de Natal estão repletas de pensamentos sobre pastores e reis e magos adorando o Santo Infante e levando-lhe dádivas de amor. Muito pode ser dito e cantado quase que sem pensar; e talvez isto aconteça com demasiada freqüência.

Mas existe uma coisa nesta antiga história que **deveria** ser meditada nestes dias de rumos e causas discrepantes — meditada por todos os homens de boa vontade e justos anseios: Houve tempo em que nasceu neste mundo um infante cuja influência aproximou os que quase nada sabiam e os que eram suficientemente sábios para compreenderem que não conheciam todas as coisas e, de alguma forma, os levou a cruzar as barreiras e limitações de sua condição para se tornarem irmãos em espírito.

Não há dádiva ou graça mais desejável atualmente do que uma influência tal. E ela continua à disposição daqueles que se dão conta da limitação de seus conhecimentos, da transitoriedade dos bens e da vulnerabilidade do poder temporal, e que, transpondo os tropeços de sua condição, se movem em direção da unidade em Cristo.

De seu pai, José aprendeu o ofício de carpinteiro



Presidente S. Dilworth Young

do Primeiro Conselho dos Setenta

Pelo Natal, ao desembulhar os presentes recebidos daqueles que nos querem bem, detenhamo-nos para uma pausa de séria reflexão.

Estamos nos anos de desenvolvimento, sentindo a pressão da idade adulta que se avizinha. Sentimo-nos real e genuinamente crescidos. Esses presentes possuem uma remota conexão com o Salvador do mundo. Não tivesse êle morrido por nós, não estaríamos celebrando esta data. Não haveria presentes, nem canções, nem árvores envoltas em luzes e ourupéis. Na emoção do receber, pouco nos lembramos dêle.

Lembramos que também nós oferecemos lembranças àqueles que nos presenteiam, imaginando se o que lhes demos está à altura do que recebemos. Mas quanto aos nossos pais é diferente. Eles costumam nos dar muitos presentes é o que esperamos. Pois eles nos têm amor, não é? O único modesto presente que lhes oferecemos expressará nosso amor por eles. Eles por certo entenderão, pois nem esperam muita coisa. Ficarão satisfeitos com qualquer sinal de aprêço e amor.

Pergunto-me se o mesmo acontece com o Senhor Jesus Cristo? Tudo o que sou foi êle quem mo deu. Será que êle, como meus pais,

ficará satisfeito com um único pequeno presente? Imagino como teria sido êle na minha idade, pois que certamente foi jovem algum dia. Certamente sabia então ser o Filho de Deus. Do contrário por que teria dito aos doutores no templo que precisava tratar dos negócios de seu Pai? Naturalmente isto não se referia a José, um simples carpinteiro, e de mais a mais, ao dizê-lo dirigia-se a êste.

Fico a imaginar como teria sido em seus anos de adolescência. Uma coisa é certa — Jesus prestava obediência a seus pais terrenos. De seu pai, José, aprendeu o ofício de carpinteiro. Se Jesus deu o exemplo nas coisas eternas, não estaria fazendo o mesmo nesta questão também? Êle era muito mais inteligente do que José e Maria. Poderia tê-los encarado com o desdém do conhecimento superior; contudo, mesmo quando já adolescente êle os obedecia até tornar-se plenamente adulto.

O que pode significar para mim a vida do Senhor? Posso ter fé, embora não consiga compreender inteiramente seu sacrifício. Exatamente por que teria que ser assim, eu não sei. Êle prestava obediência a seu Pai nos céus, mas como jovem obedecia a José. Talvez devesse eu seguir seu exemplo e ser obediente a meus pais. Isto por certo agradaria a Jesus. E isto não poderia ser o meu presente para êle?

Você é o Seu Próprio Presente

Existe uma pessoa de idade ali adiante que você deveria conhecer. Essa pessoa se parece com você, fala como você, anda como você. Tem nariz igual ao seu, seus olhos, seu queixo. E se ela ama ou detesta você, respeita-o ou despreza-o, se é raivosa ou compatível, desgraçada ou feliz, depende unicamente de você... pois foi você quem a formou. Essa pessoa é você com idade mais avançada." Isto foi dito por Richard L. Evans num recente discurso.

Você é o presente que dá a si próprio. Aquilo que você fizer da sua vida agora, determinará o que será nos amanhã.

"A vida é uma breve caminhada ao longo de estreita linha... que surge e termina no misterioso ignoto. A esperança é que nos mantêm equilibrados ao segui-la. Pelo que podemos ver, a vida é curta, mas na realidade... nunca tem fim... e, longa ou curta, ela é tudo o que temos." (Anônimo)

A vida é tudo o que temos, mas refletindo bem, é realmente muita coisa para se possuir. Quando deixarmos este mundo, teremos que levar para o próximo apenas nossos conhecimentos e realizações, sejam bons ou maus. Fôssemos capazes de lembrarmos disso todos os dias, talvez nos empenhássemos mais em ser melhores. Muitos se olvidam do seu propósito aqui na terra, porque se deixam envolver pela vida, por

suas alegrias e tristezas. Mas viver é o único meio de se aprender.

Um dos maiores problemas da vida é aprender a conviver com as pessoas que nos rodeiam. Pode-se escolher o caminho fácil de fazer concessões quanto aos nossos princípios — seguir o caminho do mundo, seja qual fôr, pois o mundo tem tantos caminhos diferentes. Mas este não é o caminho certo.

É impossível satisfazer a todos, e o abandono de princípios não é a solução para se entender com as pessoas. Fazer tais concessões é simples rendição e trair a si próprio. E quem trai a si mesmo, nunca poderá ser realmente aceito e respeitado por quem quer que seja.

Os outros freqüentemente nos julgam por nossos padrões e não pelos deles — segundo o que sabem que acreditamos. E quando desdenhamos nossos princípios, nós os desapontamos e desiludimos.

A única maneira de se entender com os outros é ser o que sabemos que devemos ser, e agir como sabemos ser correto, respeitar e merecer respeito, e não trair a nós mesmos abandonando nossos princípios.

Não devemos nos rebaixar, seja por quem fôr, e também não nos sentirmos inferiores a quem quer que seja, só por que sabem fazer certa coisa melhor do que nós. Cada um de nós foi abençoado com diferentes idéias, talentos e qualidades. Não ti-

vesse Deus feito dessa maneira, não haveria progresso.

Quando um homem fêz algo de grandioso, seus semelhantes tendem a pensar: "Que grande sujeito! Gostaria ser como ele." Mas na verdade não há grandes homens — tão somente homens comuns como você e eu que fizeram algo de grandioso. Eles devem ser elogiados por suas realizações. Todo homem pode executar algo significativo em seu próprio campo, basta querer e tentar. Não obstante, o homem tem a tendência de limitar a si próprio e o que pode fazer; estabelece uma meta e depois pára quando esta é alcançada, convencido de que é o máximo que conseguirá alcançar. Se tôda vez que progredirmos um pouco em direção da nossa meta, elevarmos esta na mesma proporção, não incorreremos no perigo de autolimitação no que concerne às nossas realizações.

As vezes dizemos a nós mesmos que, para sermos felizes, bastaria sermos bem sucedidos. É tão comum confundir felicidade com o que costumamos chamar de sucesso. Este não é apenas ter mais e mais, nem tampouco somente ir conseguindo mais e mais, mas sim conseguir o que queremos, se fôr realmente a coisa certa. É chegar aonde queremos, se é o lugar certo. Ninguém pode ser considerado bem sucedido se não é feliz, como não pode ser tido como feliz se não tem integri-

Randy Swenson, 17 anos

dade, obras, amor, respeito próprio e aprêço por outras pessoas.

O progresso, a recompensa, a vitória, não são tão essenciais como a percepção de estar a caminho pela estrada certa. Todos nós temos problemas, temores, provações, e precisamos aprender a viver com eles. O que não é lícito é deixar que nossos problemas e temores nos impeçam de alcançar o que almejamos e que sabemos ser justo.

O poeta americano Robert Frost afirmou: "Tudo o que aprendi sobre a vida pode ser resumido em poucas palavras: Ela continua... O importante é lembrar que há uma direção e uma continuidade... a despeito de nossos temores e preocupações... a vida continua."

Realmente ela continua. E devemos enfrentar este fato aqui e agora. Não podemos perder o ânimo toda vez que as coisas não vão como desejamos, nem continuar fugindo do que não gostamos, porque logo não mais teríamos forças para continuar correndo.

Temos que viver a vida, enfrentá-la, honrá-la, gozá-la, nos ajustarmos a ela e procurar fazer o melhor quanto ao que nos desgosta. Temos que ter fé no futuro e fazer o melhor dentro do máximo de nossa capacidade. Na verdade, todo o nosso futuro depende disso. Como o disse Irmão Evans, aquela pessoa lá adiante, é realmente o nosso eu. Nós somos o nosso próprio presente.



A line drawing illustration showing a hand writing on a gift tag. The tag is attached to a gift wrapped in patterned paper. The tag has some illegible handwriting on it. Another gift tag is shown below, also with illegible handwriting.

Presentes que o Dinheiro Não pode Comprar

Eleanor Knowles

Editora Associada

“Etendo nascido Jesus em Belém de Judéia no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém,

“Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrêla no oriente, e viemos a adorá-lo...

“... e eis que a estrêla, que tinham visto no oriente, ia adiante dêles, até que, chegando, se deteve sôbre o lugar onde estava o menino.

“E, vendo êles a estrêla, alegraram-se muito com grande alegria.

“E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe, e prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra.” (Mateus 2:1-2, 9-11)

Esta bela passagem de Mateus descreve o que provavelmente foi o início de uma das nossas mais encantadoras tradições: a de dar presentes na época do Natal.

O presentear nessa sociedade de meios de comu-

nicção e publicidade generalizada, de relativa riqueza, de fácil acesso às lojas, tornou-se de certa forma comercializado. Não há nada de mal nisso quando os presentes são escolhidos cuidadosamente tendo em mente quem os irá receber, pois pode-se proporcionar muita alegria ofertando presentes que satisfazem os desejos dos destinatários. Não obstante, presentes que dinheiro algum poderá comprar proporcionam alegria ainda maior, presentes que vêm do coração e demonstram especial carinho da parte de quem os dá. Tais presentes freqüentemente exigem quase nenhum dispêndio monetário, mas requerem o emprêgo de uma coisa muito mais preciosa: tempo. Êstes são presentes que são realmente dados de coração.

Por exemplo, certa mãe, com quatro filhos pequenos, imaginava o que poderiam dar ao pai que demonstrasse que se lembravam dêle não sòmente no Natal, mas durante o ano inteiro. Juntos elaboraram uma lista de pequenas tarefas e maneiras pelas quais poderiam agradá-lo, tal como buscar o jornal para êle quando chegasse em casa do trabalho, preparar sua sobremesa predileta, lustrar seus sapatos, etc. A mãe con-

seguiu numa loja próxima um daqueles rolos de caixa registradora, e nêle marcaram os 365 dias do ano. Em cada dia anotaram um favor especial e a criança que iria fazê-lo naquele dia. Mensalmente o calendário do mês em curso era pregado no quadro de avisos da família para que as crianças não esquecessem suas responsabilidades. Esse foi realmente um presente que durou o ano inteiro.

Certa universitária, cuja mesada era bastante exigua, confeccionou uns certificados especiais. Em cada um deles inscreveu o que faria pela pessoa favorecida no decorrer do ano, como seu presente de Natal. A colega de quarto prometeu ajudar na confecção de um vestido de baile. Aos vizinhos que tinham crianças pequenas ofereceu certo número de noites nas quais cuidaria das crianças gratuitamente. A uma tia idosa ofereceu fazer suas compras.

Esses certificados de presente podem ser facilmente confeccionados em cartolina ou cartões em branco, e tinta dourada e prateada, canetas com ponta de feltro, desenhos e recortes, poesias e citações, e fitas de côr. Tais presentes de tempo poderiam ser também lições diversas, como arte, música, culinária, idiomas ou qualquer coisa em que se é proficiente; servir de motorista para pessoas idosas ou incapacitadas; preparo de doces, bolos, pães, etc.; auxílio de férias — oferecer-se para ajudar parentes ou vizinhos enquanto saem em férias, cuidando do jardim, correspondência, entrega de jornais, etc.,

Pais atarefados poderiam dar aos filhos "cartões de tempo", prometendo períodos de inteira, exclusiva devoção aos interesses das crianças.

Um presente especialmente significativo para os familiares seria um álbum de recordações ou de recortes. Uma jovem senhora datilografou histórias da família e fôlhas de grupo familiar e mandou tirar cópias para cada um de seus irmãos e irmãs. Esta espécie de presente requer pesquisas e leva certo tempo para fazer, mas por que não começar agora com vistas ao próximo Natal?

Presentes dados de coração podem ajudar a aproximar os vizinhos. Certa família SUD mudou-se para um local da Pensilvânia onde ficaram isolados de outros membros da Igreja. Na véspera de Natal embrulharam vidros de geléia caseira em papel de presente, amarrados com fitas coloridas e os levaram aos vizinhos. Através dêsse contato natalino fizeram uma porção de novos amigos e conseguiram mesmo interessar diversas pessoas na Igreja. Outra família com filhos adolescentes costuma confeccionar enfeites natalinos que distribuem pela vizinhança quando saem a fazer serestas de Natal.

Uma professora da AMM que reside num grande centro metropolitano convida jovens que vivem longe de casa para irem cantar em grupo em casas de repouso, hospitais e outros lugares em que o Natal pode ser uma data triste. Encontraram mesmo uma audiência receptiva num pòsto de bombeiros da vizinhança!

Presentes feitos em casa — coisas que requerem pouco material mas tempo para serem feitos — são sempre bem-vindos. Acondicionamento atraente e imaginoso pode transformar até mesmo uma simples fôrma de pão ou bolo comum numa festa para os olhos e o paladar.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais

Slowly Melvin W. Dunn



Jóias Sacramentais

Escola Dominical Júnior:

"Amemo-nos uns aos outros; porque a caridade é de Deus."

(1 João 4:7)

Escola Dominical Sênior:

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquêle que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna."
(João 3:16)



EM QUEM CONFIAREI?

Willian M. Dale

Segundo a mitologia grega, Hércules, quando jovem, foi viver com os pastores das montanhas. Certo dia, dormindo durante as quentes horas do meio-dia, teve um sonho estranho. O caminho que seguia no sonho súbitamente se dividia em duas estradas bem delineadas. Não sabia dizer qual delas deveria tomar. Uma parecia suave e fácil de seguir, levando a uma agradável cidade lá na planície. A segunda apresentava-se como áspera estrada de montanha, difícil de subir, e que parecia tornar-se cada vez mais árdua à medida que ganhava altura até desaparecer nas nuvens.

Enquanto Hércules ainda contemplava as duas estradas descritas, na dúvida sobre qual delas seguir, viu uma jovem subindo pela bela estrada que vinha da cidade. Seu vestido era recoberto de flôres bordadas de vivo colorido, o cabelo coroado por uma grinalda de rosas. Notando que Hércules não sabia qual estrada tomar, imediatamente aconselhou-o a seguir a fácil, que conduzia à cidade. "Lá na cidade," disse-lhe, "você encontrará pessoas amáveis que lhe darão sem regatear tudo o que possa desejar. Não será preciso trabalhar, podendo ficar sentado o dia inteiro em belos jardins com fontes murmurantes e aves canoras, ou onde, se preferir, poderá deliciar-se com músicas tocadas na lira."

Hércules voltou seu olhar para a cidade. A brisa matutina trazia vagos sons de música; as casas mostravam-se rodeadas de jardins que, com suas árvores e arbustos floridos, pareciam tão refrescantes e convidativos que sentiu-se inclinado a seguir o conselho da jovem. Contudo, havia algo que o fazia hesitar.

Então viu outra jovem postada na estrada montanhosa. Usava vestes simples; seu olhar era triste mas destemido. "Vou contar-lhe a verdade, Hércules. Minha irmã procura enganá-lo. As coisas desejáveis que lhe oferecerão lá na cidade, ou não valem a pena, ou no fim você terá que pagar um preço tal que nem consegue imaginar. Não vá àquela cidade; venha comigo pela estrada da montanha. Será uma subida árdua que tornar-se-á cada vez mais trabalhosa à medida que avançar, mas você terá deleites dos quais nunca se cansará. O ar da montanha penetrará em seus pulmões, e êle mais a subida o tornarão extremamente forte. Se tiver coragem de subir o suficiente, esta estrada o levará afinal ao Monte Olimpo, e lá você poderá viver para sempre com os deuses eternos." (Lillian Stoughton, **Favorite Greek Myths**, D.C. Henth & Co. Londres, 1905; p. 139-42)

Hércules, em seu sonho mostrou-se sábio e escolheu a estrada da montanha. Esta decisão mais tarde teve papel importante na execução dos Doze Trabalhos que lhe foram designados pelo rei de Micenas, Euristeu.

Ao escolher a estrada, Hércules seguiu a natureza do seu caráter. Entre os antigos gregos, o privilégio de

Willian M. Dale possui um "Master's degree" (grau universitário superior ao de bacharel) em Assistência Social da Universidade de Utah, e atualmente exerce o cargo de diretor de livramento condicional no Segundo Distrito da Corte Juvenil de Utah. Pertence também a diversas associações cívicas interessadas em problemas da juventude e sanidade mental; é um dos pioneiros no desenvolvimento de programas de livramento condicional. Cumpriu missão na Nova Zelândia em 1949; serviu como bispo, e atualmente leciona num seminário e na Escola Dominical na segunda ala de Imperial, estaca Wilford, Utah. É casado com Lynnette Barrus e o casal tem cinco filhos.

atingir o cume do Monte Olimpo e viver com os deuses era considerado a meta suprema. E Hércules não se satisfaria com nada menos. Seu apêgo a um propósito nobre obviamente foi o fator preponderante na decisão quanto a qual das duas jovens deveria seguir.

A história de Hércules deixa claro que a segunda môça sentia sincero interêsse pelo bem-estar dêle. Ela lhe ofereceu um caminho difícil que, conforme prometeu, tornar-se-ia ainda mais árduo. Não lhe era possível dar a recompensa; êle precisava fazer por merecê-la. O caminho fácil era momentâneamente sedutor, Hércules, porém, escolheu o segundo, e essa sua escolha refletia o respeito que tinha por si próprio, pois via na indicação da segunda jovem um meio de auto-realização, progresso, feitos e eventual divindade. Ela provou-se realmente interessada nêle.

Ao respondermos a questão: "Em quem confiarei?", é essencial que primeiro perguntemos a nós mesmos: "Qual o interêsse da pessoa em mim?" Desejará ela que eu me realize, ou procura apenas um companheiro no fracasso ou mal? Quer que eu esqueça as leis de Deus? Procura levar-me a desonrar meus pais e minha família? Encontra prazer em suscitar dúvidas quanto a princípios? Qual a sua intenção? Obviamente, só devemos confiar em pessoas cujos propósitos se harmonizem com os objetivos que estalecemos para nós próprios.

O acima exposto relaciona-se bem de perto com o caso do professor que procura satisfazer seus próprios fins em lugar de preencher as necessidades de seus alunos. Em tôdas as profissões encontramos pessoas que gostariam de ensinar-nos seus caminhos dúbios. Infortunadamente existem muitos que se comprazem em espalhar sementes de discórdia e em destruir a cândida fé dos jovens. O fato de nossas escolas serem tidas como locais de aprendizagem provê o cenário para os que querem aproveitar-se das mentes jovens e inquiridoras.

Os alunos querem acreditar nos professôres. E isto é perfeitamente lícito. Mas é também importante que os alunos reconheçam seu direito de rejeitar ideologias, mesmo no cenário escolar. Os jovens estudantes geralmente não podem escolher quem os irá ensinar. Mas podem sim escolher se deixarão ou não o professor governar suas atitudes, preferências ou filosofias. Alma nos deu a melhor resposta para a pergunta "Em quem confiarei?"

E também não admitais que ninguém seja vosso mestre... , a não ser que seja um homem de Deus, que ande em seu caminho e guarde seus mandamentos. (Mosiah 23:14)

No conselho dos céus foi apresentado um plano pelo qual nenhuma só alma se perderia. (Veja Moisés 4:1-2) Na terra, como na cidade simbólica dos sonhos de Hércules, tudo seria recebido gratuitamente. Não seria preciso nenhum trabalho nem esforço, e o preço a ser pago era convenientemente ignorado.

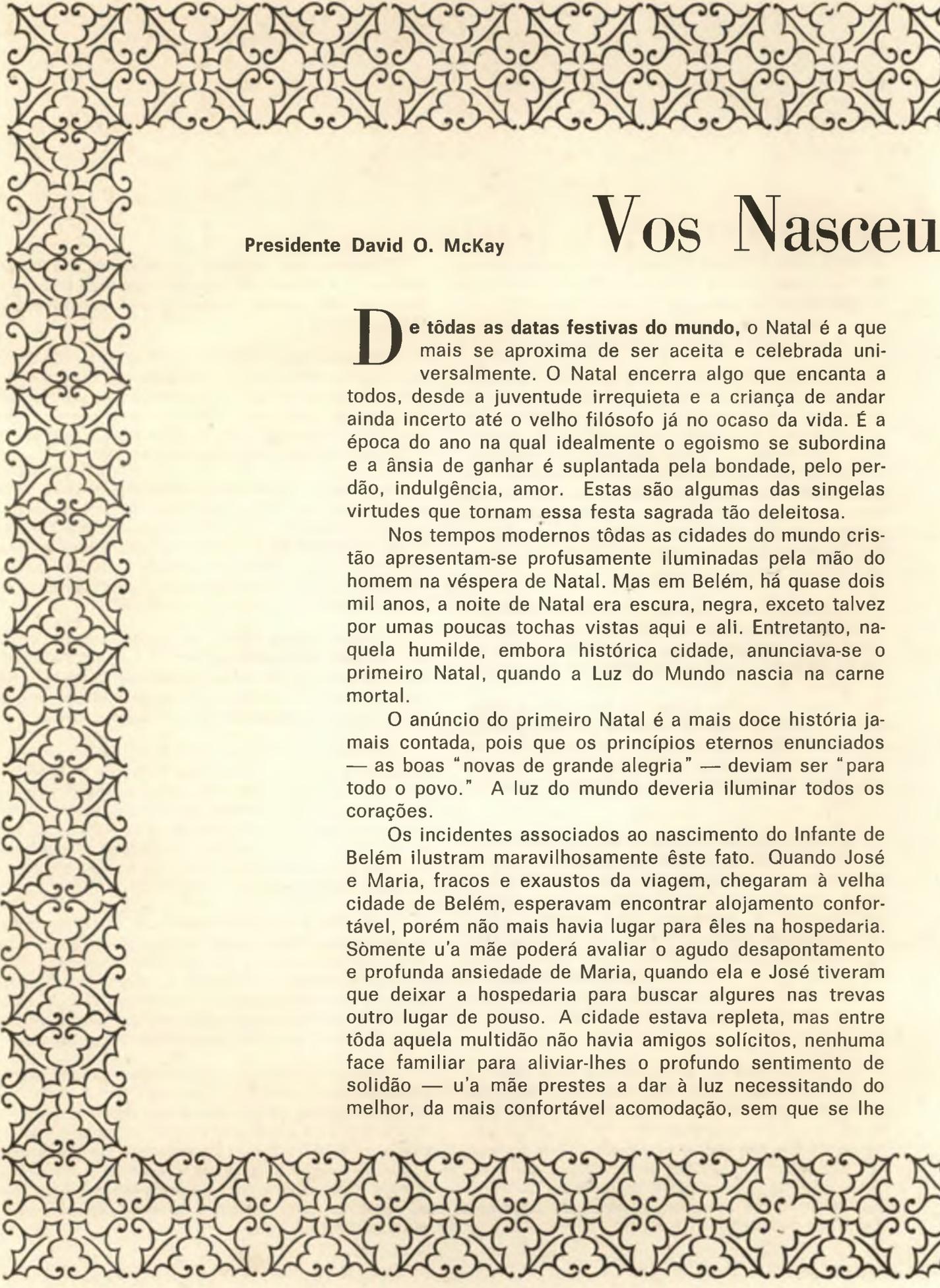
Um segundo plano previa que todo indivíduo teria o direito de escolha, que ser-lhe-ia ensinado e mostrado o caminho do Senhor, permitindo porém que decidisse por si mesmo se o seguiria ou não. O caminho não seria fácil, mas o vitorioso receberia a recompensa da vida eterna e tornar-se-ia um deus. A facêta importante dêsse segundo plano era o livre-arbítrio.

"E, porque foram salvos da queda, estarão livres para sempre, distinguindo o bem do mal; para obrarem por si próprios e não serem compelidos, salvo se o forem para que os puna a lei no grande e último dia, de acôrdo com os mandamentos que Deus decretou.

"Portanto, os homens estão livres, de acôrdo com a carne; e tôdas as coisas que lhes são necessárias lhes são dadas. E estão livres para escolher a liberdade e a vida eterna, por meio da grande mediação de todos os homens, ou para escolher o cativo e a morte, de acôrdo com o cativo e o poder do demônio; Pois que êle procura tornar todos os homens tão miseráveis como êle próprio." 2 Néfi: 2:26,27

Com tôda a ajuda necessária, escalar a montanha da divindade continua sendo um projeto do tipo "faça você mesmo". A pessoa em quem você mais pode confiar é você mesmo. Cada um de nós tem direito à orientação divina, mas é preciso estarmos em sintonia para podermos ouvir os sussurros do Espírito. Quanto a êsse ponto Brigham Young nos proporcionou excelente visão:

"Estivesse vossa fé concentrada no projeto certo, vossa confiança inabalada, vossa vida pura e santa, cada um cumprindo os deveres de seu chamado segundo o Sacerdócio e a capacidade em vós investida, e serfeis cheios do Espírito Santo, e tornar-se-ia tão impossível a qualquer homem enganar-vos e levar-vos à destruição como é impossível a uma pena permanecer incólume em meio de calor intenso". (Journal of Discourses, vol. 7, p. 277)



Presidente David O. McKay

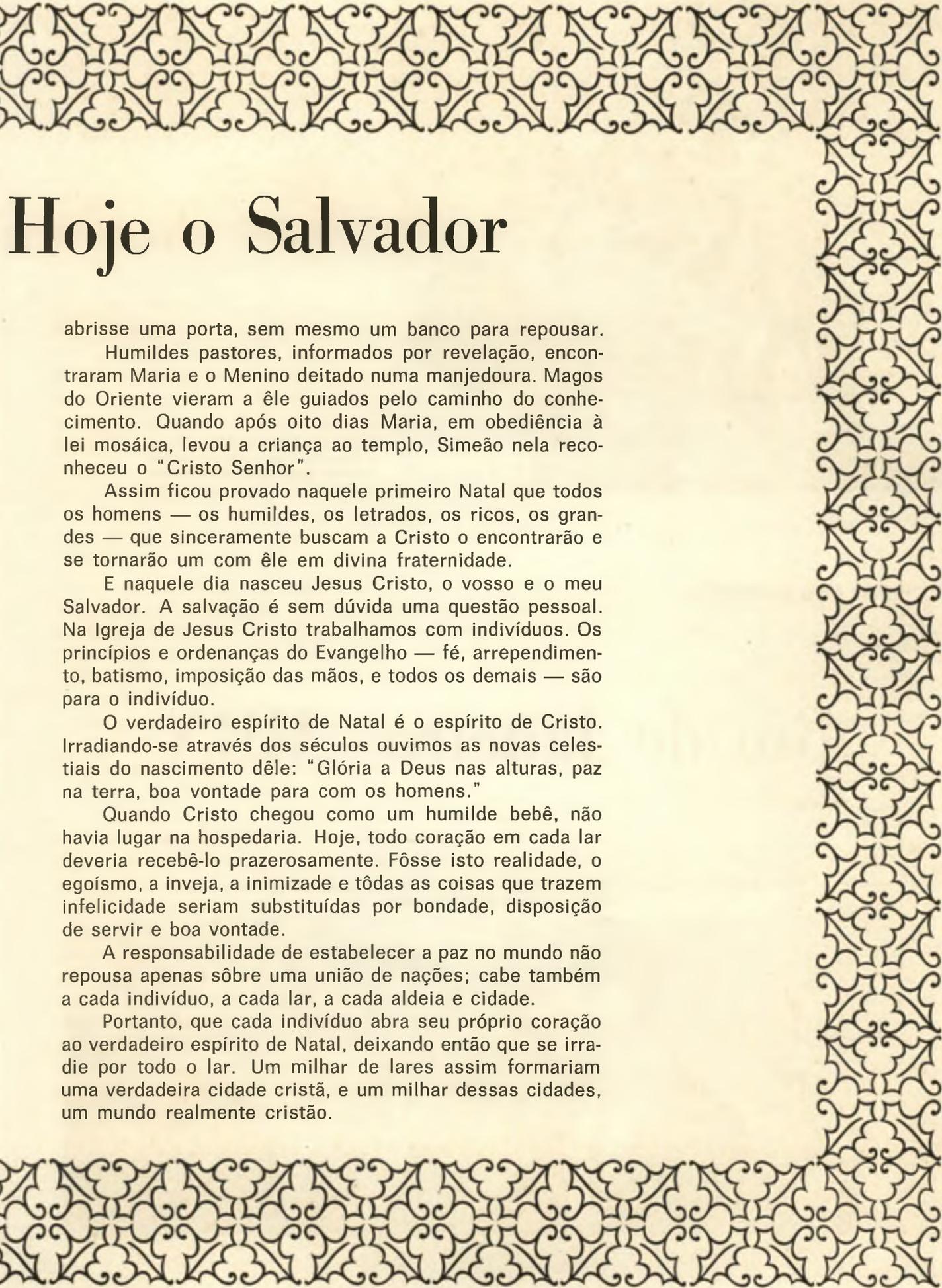
Vos Nasceu

De tôdas as datas festivas do mundo, o Natal é a que mais se aproxima de ser aceita e celebrada universalmente. O Natal encerra algo que encanta a todos, desde a juventude irrequieta e a criança de andar ainda incerto até o velho filósofo já no ocaso da vida. É a época do ano na qual idealmente o egoísmo se subordina e a ânsia de ganhar é suplantada pela bondade, pelo perdão, indulgência, amor. Estas são algumas das singelas virtudes que tornam essa festa sagrada tão deleitosa.

Nos tempos modernos tôdas as cidades do mundo cristão apresentam-se profusamente iluminadas pela mão do homem na véspera de Natal. Mas em Belém, há quase dois mil anos, a noite de Natal era escura, negra, exceto talvez por umas poucas tochas vistas aqui e ali. Entretanto, naquela humilde, embora histórica cidade, anunciava-se o primeiro Natal, quando a Luz do Mundo nascia na carne mortal.

O anúncio do primeiro Natal é a mais doce história jamais contada, pois que os princípios eternos enunciados — as boas “novas de grande alegria” — deviam ser “para todo o povo.” A luz do mundo deveria iluminar todos os corações.

Os incidentes associados ao nascimento do Infante de Belém ilustram maravilhosamente êste fato. Quando José e Maria, fracos e exaustos da viagem, chegaram à velha cidade de Belém, esperavam encontrar alojamento confortável, porém não mais havia lugar para êles na hospedaria. Sômente u'a mãe poderá avaliar o agudo desapontamento e profunda ansiedade de Maria, quando ela e José tiveram que deixar a hospedaria para buscar algures nas trevas outro lugar de pouso. A cidade estava repleta, mas entre tôda aquela multidão não havia amigos solícitos, nenhuma face familiar para aliviar-lhes o profundo sentimento de solidão — u'a mãe prestes a dar à luz necessitando do melhor, da mais confortável acomodação, sem que se lhe



Hoje o Salvador

abrisse uma porta, sem mesmo um banco para repousar.

Humildes pastores, informados por revelação, encontraram Maria e o Menino deitado numa manjedoura. Magos do Oriente vieram a êle guiados pelo caminho do conhecimento. Quando após oito dias Maria, em obediência à lei mosaica, levou a criança ao templo, Simeão nela reconheceu o "Cristo Senhor".

Assim ficou provado naquele primeiro Natal que todos os homens — os humildes, os letrados, os ricos, os grandes — que sinceramente buscam a Cristo o encontrarão e se tornarão um com êle em divina fraternidade.

E naquele dia nasceu Jesus Cristo, o vosso e o meu Salvador. A salvação é sem dúvida uma questão pessoal. Na Igreja de Jesus Cristo trabalhamos com indivíduos. Os princípios e ordenanças do Evangelho — fé, arrependimento, batismo, imposição das mãos, e todos os demais — são para o indivíduo.

O verdadeiro espírito de Natal é o espírito de Cristo. Irradiando-se através dos séculos ouvimos as novas celestiais do nascimento dêle: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens."

Quando Cristo chegou como um humilde bebê, não havia lugar na hospedaria. Hoje, todo coração em cada lar deveria recebê-lo prazerosamente. Fôsse isto realidade, o egoísmo, a inveja, a inimizade e tôdas as coisas que trazem infelicidade seriam substituídas por bondade, disposição de servir e boa vontade.

A responsabilidade de estabelecer a paz no mundo não repousa apenas sobre uma união de nações; cabe também a cada indivíduo, a cada lar, a cada aldeia e cidade.

Portanto, que cada indivíduo abra seu próprio coração ao verdadeiro espírito de Natal, deixando então que se irradie por todo o lar. Um milhar de lares assim formariam uma verdadeira cidade cristã, e um milhar dessas cidades, um mundo realmente cristão.



Jovens dos Ramos do Meier, Tijuca e Cascadura, em visita ao Museu Histórico Nacional, na cidade do Rio de Janeiro.

O "RUMO DOS RAMOS" no

Rio de Janeiro - MBN

Da esq. para a dir.: Wilson S. Pureza, 1.º Cons.; Vaidemar Cury, 1.º Conselheiro do DRJ; Nagib Dias, 2.º Cons. e Rubens A. Galdo, atual Presidente do Ramo da Tijuca — MBN.





A partir da esquerda: Nelson B. dos Santos, Pres. Mário Campanella e Antônio L. de Barros, da Presidência do Ramo do Meier — MBN.

A pós a dedicação de uma área à pregação do Evangelho, no passado quase sempre eram necessários dez a quinze anos para que uma nova unidade da Igreja ganhasse impulso e se livrasse definitivamente das suas dificuldades iniciais. Iniciado a partir de 1948, o ramo do Rio de Janeiro e, em 1951, o de Niterói, não fugiram a êsse esquema.

Na cidade do Rio de Janeiro há quatro ramos: Cascadura, presidido por Ovídio C. Cunha e seus conselheiros, Joaquim A. Rodrigues e Jorge D. P. Ribeiro; Méier, presidido por Mário Campanella e seus conselheiros,

Antônio L. de Barros e Nelson B. dos Santos; Tijuca, presidido por Rubem A. Galdo e seus conselheiros, Wilson S. Pureza e Nagib Dias (êstes ramos funcionam numa só capela); e Jardim Botânico, presidido por Val H. Carter. O Ramo de Niterói é presidido por Geraldo J. S. Silva e seus conselheiros, Adauto B. Lopes e Emmanuel M. de Brito.

Hoje, os cinco ramos que florescem às margens da Baía da Guanabara contém mais de 80% dos 2355 membros do Distrito do Rio de Janeiro e, sem dúvida, constituirão o núcleo de uma futura estaca.

A presidência do Ramo de Niterói, reunida em conselho; no centro Pres. Geraldo de J. S. Silva; à esquerda Adauto B. Lopes, 1.º Cons. e à direita Emmanuel M. de Brito, 2.º Cons.





O Bispo Joaquim Martinez recebe os membros da Ala de Santos — ESPS.

Talvez não seja mais possível saber a data exata da fundação do Ramo de Santos, porém, nos anos que se seguiram a 1948, cresceu e tornou-se, em 1962, a sede do Distrito de Santos, vivendo a atribulada história de todos os ramos que se tornam grandes.

Com a criação da ESPL em 1968, o Ramo de Santos converteu-se em Ala de Santos, sob a presidência do Bispo Joaquim Martinez criando mais tarde o ramo dependente do Gonzaga. Recentemente, passou a fazer parte da nova Estaca São Paulo Sul e é possível que não esteja longe o dia em que sua grande capela, venha a abrigar a sede de uma futura estaca santista. Mário S. Azevedo é o Presidente do Ramo, agora independente, do Gonzaga.

“ABRAM ALAS” para

Ala de Santos ESPS

Jovens santistas participam ativamente dos programas da AMM.





Da dir. para a esq.: Jair de Oliveira, Pres. Araçatuba, Oscar de Oliveira, Pres. S. J. Rio Prêto; Nívio V. Alcover, 1.º Cons. da MBC; Pres. Horácio Saito, do Distr. de Araçatuba e Pres. Sherman H. Hibbert, da MBC.

O "RUMO DOS RAMOS" em

Araçatuba - MBC

Ocupando as amplas instalações da Associação Nipo-Brasileira, realizou em 8 e 9 de agosto passado, sob a direção do Presidente Sherman H. Hibbert da MBC, a 4.ª Conferência do Distrito de Araçatuba. O grande afluxo de membros dos ramos do distrito tornou exíguas as dependências da capela distrital.

O sucesso da conferência confirma o rápido desenvolvimento na região. O Distrito de Araçatuba é o mais novo da MBC, criado no início do ano a partir da divisão do Distrito de Araraquara, foi entregue à direção de um líder dinâmico e entusiasta, o Pres. Horácio Saito.

Dois dos ramos do Distrito já possuem firmas presidências locais: o Ramo de Araçatuba, o maior deles, com quase trezentos membros, é presidido por Jair de Oliveira, líder prestativo e querido no ramo. Seus conselheiros são Jesus Godoy e Osvaldo Toquetão. O Ramo de São José do Rio Prêto, que ultimamente vem se fortalecendo, é presidido por Oscar de Oliveira, Professor de Direito e Economia na Universidade local, jornalista e delegado de polícia. O Pres. Oliveira é pai de dez filhos. O Ramo de Presidente Prudente é presidido pelo Élder Randall Cox.

Aspecto da reunião de assembléia da AMM, do Distrito de Araçatuba.



MBC - Desenvolve-se

“...caiu em boa terra, e deu fruto...”

Mateus 13:8

ALAS/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS	BISPOS/ PRESIDENTES	MISSIONÁRIOS		CONVERSÕES TOTAL
		INTEGRAL	AGOSTO	
Ala III — S. Amaro	Juan C. Vidal	4	1	47
Ala IV — Pinheiros	Benjamin O. Almeida	4	3	43
Ala V — Pinheiros	Humberto Silveira	6	7	49
Ala VI — Perdizes	Mituo Ikemoto	4	5	58
Ala VII — Casa Verde	Giorgios H. Orfanos	2	4	19
Ala VIII — Santana	Mitsuru Kikuchi	6	9	87
Sorocaba I	Nelson de Gennaro	4	1	91
Sorocaba II	Raimundo José Libânio	4	6	9
Jaçanã	Benedito Pires Dias	2	—	15
Lapa	Oswaldo S. Camargo	2	2	17
Pedreira	Alberto Barbagallo	2	3	7
Osasco	João M. de Souza	2	—	23
ESTACA SÃO PAULO	WALTER SPÁT	42	41	465
Ala I — Vila Mariana	Rodamés Sceppa	6	3	98
Ala II — B. Saúde	Antonio Andreolli	4	5	69
Ala IX — V. Maria	Gentil de Souza	2	1	21
Ala X — Penha	José M. Rodrigues Filho	6	6	72
Ala XI — Moóca	Wagner dos Santos	6	4	89
Cambucí	José G. Galharo	2	4	10
Ipiranga	Edgar Nascimbeni	4	5	24
Jabaquara	Ilo M. de Souza	4	2	2
Vila Prudente	José Vieira Netto	4	3	19
ESTACA SÃO PAULO LESTE	HÉLIO DA R. CAMARGO	38	93	404
Ala de Santo André	João Fin	6	3	83
Ala de Santos	Joaquim Martinez	6	7	84
Ala de São Vicente	Armando Jakobson	4	4	57
Gonzaga	Mario S. Azevedo	2	—	21
Mauá	Victor V. Vespolti	2	4	7
Santo André II	Mario Mazzaro	2	—	—
São Bernardo	Walfrido A. Silveira	2	—	17
São Caetano	Antonio J. Padula	2	—	7
ESTACA SÃO PAULO SUL	SAUL M. DE OLIVEIRA	26	18	276
Campinas I	Elésio Ribeiro	2	1	16
Campinas II	Eduardo C. Nalli	2	2	13
Campinas III	Alvaro Cunha	2	1	21
Campinas IV	Jesus P. Busto	2	1	43
Jundiaí	Francisco Ribeiro	2	—	7
Piracicaba	Nelson Gonçalves	2	4	13
Rio Claro	Michael Groesbeck	2	1	9
São José dos Campos	Expedito J. Saraiva	2	1	8
DISTRITO DE CAMPINAS	IVALDO MARTINS	16	11	130
Araraquara	Geraldo de Mendonça	4	5	32
Baurú	Roberto Andelin	2	1	21
Marília	Masakazu Watabe	2	2	19
Ribeirão Preto	Orivaldo dos Santos	4	2	47
DISTRITO DE ARARAQUARA	JALAL SAMAHA	12	10	119
Araçatuba	Jair de Oliveira	4	2	47
Presidente Prudente	Michael Deputy	4	—	14
São José do Rio Preto	Oscar de Oliveira	4	2	22
DISTRITO DE ARAÇATUBA	HORÁCIO SAITO	12	4	83
Apucarana	José G. Testa	2	1	9
Londrina	João Finardi	2	7	17
Maringá	Ciro L. da Silva	2	—	8
DISTRITO DE LONDRINA	GUNTHER SALIK	6	8	34
Curitiba I	Jorgi Aoto	4	11	73
Curitiba II	Enos de Castro Deus	2	4	63
Curitiba III	Francisco Gomes	4	2	29
Curitiba IV	Levi Gaertner	4	—	52
Curitiba V	Ismael Cordeiro, Jr.	4	2	17
Curitiba VI	Rosaldo Gaetner	2	—	46
Curitiba VII	Bruno Smatz	2	—	—
DISTRITO DE CURITIBA	JASON GARCIA SOUZA	22	19	280
MISSÃO BRASIL CENTRAL	SHERMAN H. HIBBERT	174	144	1791

Destruição das Riquezas

Francisco S. P. Silva

Membro do Sumo-Conselho da ESP

Somos testemunhas da iniquidade em que está vivendo o nosso povo, dedicado à destruição das riquezas que lhes foram confiadas pelo Senhor... Os gentios que vieram colonizar este imenso Brasil, cegados pela oportunidade de obter fáceis riquezas, esqueceram os mandamentos contidos na Bíblia que traziam sob o próprio braço e começaram a obra de destruição: derrubaram matas, queimaram a terra, poluíram as águas, quase que extingüiram a fauna.

Derrubadas as matas, árvores que levaram centenas de anos para atingir toda a sua pujança, plantaram o que? Cereais, milho? Não, café, cana-de-açúcar e fumo. Cobriram colinas e planícies infindáveis, as melhores terras, com cafesais, plantações de cana e de fumo... e a ironia do pecado proclamou o café como sendo a maior riqueza do País! Plantaram tanto café que nem o mundo inteiro poderia consumi-lo e então, na ânsia e no medo de perderem dinheiro, resolveram queimar o café e queimaram milhões e milhões de sacas.

Não satisfeitos em queimar café, passaram a arrancar as plantas velhas e plantar em seu lugar... algo comestível? Não! Mais cana-de-açúcar! E para que? Para fazer açúcar? Não! Para fazer aguardente, essa bebida demoníaca que tanta infelicidade traz a milhões de homens e mulheres.

E o fumo que plantaram, além dos cafesais e dos canaviais, criou uma grande indústria que dizima o povo. Não é só a saúde que o álcool mina: destrói também o caráter do homem. O fumo rouba a vitalidade, queima o dinheiro e desperdiça o tempo dos incautos.

Missão Brasil Norte

Desenvolvimento Contínuo

RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	PRESIDENTE	CONVERSÕES				
			N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Mis- sionários	Agosto	TOTAL
Anápolis	(não há ramo)		15	6	4	—	—
Belo Horizonte	R. Levindo Lopes, 214	Cláudio I. Bueno	409	159	12	8	41
Floresta	R. Levindo Lopes, 214	Robert G. Taylor	260	102	8	—	16
Brasília	Av. W5, mod. 59, n.º 913	Pedro B. Pradera	360	143	8	—	28
Golânia	R. 55, n.º 33, CP 714	Fenton L. Broadhead	185	70	8	—	65
Juiz de Fora	R. Espírito Santo, 743	Gerold Rey	270	92	4	—	10
TOTAL DA ÁREA			1499	572	44	8	160
Cascadura	R. Silva Telles, 99	Ovídio C. Vieira	431	125	22	9	78
Jardim Botânico	R. Zara, 17	Val H. Carter	401	131	14	—	19
Meier	R. Silva Telles, 99	Mário N. Campanella	267	106	8	11	46
Niterói	R. Miguel Couto, 413	Geraldo de J. S. e Silva	367	122	16	2	39
Nova Friburgo	Av. Galdino do Vale, 43	Kent Gale	55	13	4	—	15
Petrópolis	R. Tereza, 52	Waldemar Sandri	145	57	6	—	9
Teresópolis	R. Carmela Dutra, 661	João Bonatti	124	48	2	—	—
Tijuca	R. Silva Telles, 99	Valdemar Cury	386	129	14	6	45
Vitória	R. Barão de Monjardim, 107	Elverson B. T. Miranda	96	22	4	—	8
Volta Redonda	R. Panamá, 11	Heraldo B. Barroso	83	20	—	—	—
DISTRITO DO RIO DE JANEIRO	R. Silva Telles, 99	JOÃO A. DIAS FILHO	2355	773	90	28	259
Campina Grande	R. Siqueira Campos, 655	José F. Barbosa	72	19	4	1	9
Fortaleza	R. Barão de Aracati, 786	Paige Jeffs	68	23	8	2	14
João Pessoa	Av. João Machado, 765	Luís P. de Carvalho	148	29	4	—	3
Maceió	R. Uruguai, 321	Dean Cleverly	64	16	4	5	5
Recife	R. das Ninfas, 30	Evaldo F. de Oliveira	412	141	12	4	29
DISTRITO DE PERNAMBUCO	R. das Ninfas, 30	ALFREDO F.T. DE MIRANDA	764	228	32	12	60
MISSÃO BRASIL NORTE	R. Stefan Zweig, 158	HAL R. JOHNSON	4618	1573	166	48	479

De um quadro estatístico não se pode tirar uma boa idéia do crescimento da Igreja a menos que se leve em conta, além do número de conversões, o verdadeiro desenvolvimento que se processa por trás desse número: a integração dos conversos nos programas do Sacerdócio e das Auxiliares e a formação

de quadros de liderança, que constituem o suporte do progresso da obra evangélica.

É nessa perspectiva que o aparecimento de um novo distrito, o de Santo Ângelo, no quadro abaixo, constitui um importante avanço e uma demonstração de fortalecimento da Igreja no Sul.

Missão Brasil Sul

fortalece-se a Igreja em terras gaúchas

RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	PRESIDENTES	N.º DE MEMBROS	MISSIONÁRIOS		CONVERSÕES	
				Distr.	Integral	AGOSTO	TOTAL
Bagé	Av. Gal. Osório, 845	David Kimmerle	274	—	2	1	5
Dom Pedrito	Av. Rio Branco, 1040	Ralph Hill	12	—	2	3	12
Livramento	R. 24 de Maio, 247	Francisco da Silva	472	—	4	—	11
DISTRITO DE BAGÉ	R. 24 de Maio, 247	Salvador Santana	758	—	8	4	28
Criciúma	R. Henrique Lages, 503	Paulo de Oliveira	133	—	2	—	3
Florianópolis	R. Ten. Silveira, 56, 1.º and.	João Raulino	254	—	4	1	11
Tubarão (dependente)	R. S. Manoel - Gal. Pio XII, Apto. 302	Winfield Kiester	—	—	2	—	2
DISTRITO DE FLORIANÓPOLIS	R. Ten. Silveira, 56, 1.º and.	Bruno Espíndola	387	—	8	1	16
Ipoméia	Estr. Videira, s/n.º	Heinrich Blind	42	—	—	—	—
Pôrto União	R. Manuel Ribas, 100	Lino L. Alves	288	—	2	—	7
DISTRITO DE IPOMÉIA	Estr. Videira, s/n.º	Elias L. Alves	270	—	2	—	7
Blumenau	R. Floriano Peixoto, 75	George Osmond	52	—	2	—	—
Itajaí	R. Lauro Muller, s/n.º	Larry Wilkinson	79	—	2	—	2
Joinville	R. Max Colin, 426	Ceslav Gontarsyck	229	—	2	2	2
DISTRITO DE JOINVILLE	R. Max Colin, 426	Oscar Piske	360	—	6	2	4
Carazinho	R. Flôres da Cunha, s/n.º	Daniel Panhorst	55	—	2	9	10
Erechim	R. 7 de Setembro, s/n.º	Celso Capudi	185	—	4	4	35
Passo Fundo	Av. Brasil, 576	Ryan Englund	162	—	4	—	6
DISTRITO DE PASSO FUNDO	R. 7 de Setembro, s/n.º	Waldomiro Radtke	402	—	10	13	51
Pelotas	R. Princesa Isabel, 86	José A. de Almeida	788	—	4	3	18
Rio Grande	R. Aquidaban, 621	José dos Santos	282	—	4	1	14
DISTRITO DE PELOTAS	R. Princesa Isabel, 86	Pawlo Pawlenko	1070	—	8	4	32
Cachoeira do Sul	R. Saldanha Marinho, 644	Miracildo B. de Quadros	155	—	4	—	15
Canóas	R. 15 de Janeiro, s/n.º	Antônio Krieger	266	2	4	1	16
Pôrto Alegre I	R. Marquês do Herval, 349	Plínio Port	735	4	6	7	47
Pôrto Alegre II	R. Princesa Isabel, s/n.º	José A. Moreira	659	1	6	3	43
Pôrto Alegre IV	R. Princesa Isabel, s/n.º	Nelson Delvaux	641	4	6	3	37
Pôrto Alegre V	R. Adão Bairo, 330	Derival B. Kunz	109	2	2	5	30
Pôrto Alegre VI	R. Sta. Maria, 80	Otavio N. Borba	576	6	4	1	9
Pôrto Alegre VII	R. Gen. Rondon, 42	Ivo da Silva	334	4	4	—	13
DISTRITO DE PÔRTO ALEGRE	R. Marquês do Herval, 349	Joaquim da Costa e Silva	3475	23	36	20	210
Cruz Alta	R. Coronel Pilar, 590	Doug Wilson	162	—	2	1	1
Santa Maria	R. Vale Machado, 1678	Décio Dorneles de Oliveira	237	—	4	2	5
DISTRITO DE SANTA MARIA	R. Vale Machado, 1678	Gideon Gay	399	—	6	3	6
Santa Rosa	R. Mal. Floriano, 2102	Wayne Hayes	45	—	4	2	3
Santo Ângelo	R. Buenos Aires, 59	Keith Finlayson	24	—	2	4	8
DISTRITO DE SANTO ÂNGELO	R. Mal. Floriano, 2102	Keith Finlayson	69	—	6	6	11
Caxias do Sul	R. Júlia de Castilhos, 876	Arl Thomas	106	—	4	—	1
Lages	R. João de Castro, 451	Doug Cardon	104	—	2	—	2
Montenegro (dependente)		Donald Gibson	—	—	2	—	—
Nôvo Hamburgo	R. Pedro Adams, 5355	Erni João Roos	163	—	4	4	16
São Leopoldo	R. Theodomiro Fonseca, 484	James Hales	179	—	4	3	12
Vacaria (dependente)	R. Dr. Flôres, 157	Craig Rencher	—	—	2	—	9
DISTRITO DE SÃO LEOPOLDO	R. Pedro Adams, 5355	Darcy Garcia da Silva	552	—	18	7	40
Alegrete	R. Valdemar Masson, 85	Carrol Wiles	437	—	4	1	14
São Borja	R. Gal. Marquês, 1355	Steve Elgan	94	—	2	3	14
Uruguaiana	R. 7 de Setembro, 1915	Toribio Chamorro	263	—	2	2	4
DISTRITO DE URUGUAIANA	R. 7 de Setembro, 1915	Richard Collet	794	—	8	6	32
MISSÃO BRASIL SUL	R. Dr. Flôres, 105, 14.º and.	ORSON P. ARNOLD	8536	23	116	66	437



Da esq. para a dir.: José F. Andrade, 1.º Cons.; Bispo Juan C. Vidal e Arnaldo Denzeler, 2.º Cons., da Ala III - Sto. Amaro-ESP.



Da dir. para a esq.: Manoel Fernandes, Alberto Barbagallo e Paulo Strumiello; da Pres. da Pedreira — ESP.

“ABRAM ALAS” para

Ala III - Santo Amaro ESP

Quando o Ramo de Santo Amaro foi aberto em 1936, não contava com nenhum membro brasileiro. As reuniões eram realizadas em alemão para cerca de 50 a 60 pessoas da colônia alemã da região. Vinda a II Guerra Mundial, com a saída dos missionários devido ao conflito, o ramo foi fechado.

Terminada a Guerra, o ramo foi reaberto na casa de um dos dois únicos membros da época, a Irmã Elisabeth Bohnke (vide A LIAHONA, agosto de 1968, p. 34). Durante longo tempo o ramo dormitou. Quando o Pres. Harold M. Rex (que dirigiu a então Missão Brasileira de 1945 a 1949) ordenou que ao batizar-se o primeiro membro brasileiro as reuniões passariam a realizar-se em português, abriram-se para o pequeno ramo grandes perspectivas. O batismo de Ida Ladalardo, por volta de

1948, efetivou esta medida. (Desde esta época, cerca de 60 pessoas entraram para a Igreja por intermédio desta irmã.)

Durante o período de transição do alemão para o português, o ramo tornou a fechar. Seus três únicos membros, duas alemãs e uma brasileira, transferiram-se para o Ramo do Centro. Quando tornou a reabrir, desta vez o fez para em breve converter-se numa das alas de grande destaque na ESP. A Ala III — Santo Amaro, está atualmente sob a presidência do Bispo Juan C. Vidal, que tem como conselheiros os irmãos José F. de Andrade e Arnaldo Denzeler. O Ramo da Pedreira, desmembrado da Ala III, é presidido por Alberto Barbagallo e seus conselheiros, Manoel Fernandes e Paulo Strumiello.

Membros da Ala III - Sto. Amaro-ESP participam da Escola Dominical.



Aspecto de uma aula de Corte e Costura ministrada às associadas da Sociedade de Socorro.



“Não Desperdiçarei Meus Dias...”

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

Em umas poucas linhas comovedoras, o escritor americano Jack London sugeriu algumas atitudes com relação à idade e ao emprêgo da vida: “Antes preferiria ser cinza do que pó!” disse êle. “Preferiria antes que minha centelha se extinguísse em chama brilhante do que deixar que se asfixie como fôlhas sêcas apodrecendo. Desejaria ser antes um soberbo meteoro, cada átomo meu fulgurando magnificamente, do que um dormente e estável planeta. A função própria do homem é viver, não existir. Não desperdiçarei meus dias tentando prolongá-los. Eu usarei meu tempo.” As fases da vida estabelecidas pelo próprio homem, ou que outros lhe determinaram, não são absolutas mas arbitrárias. O trabalho do mundo nunca se acaba. E é triste ver alguém ocioso ou inativo — esperando — esperando o tempo passar. Não se trata duma questão de idade ou de relógio ou de calendário, mas sim de cada um trabalhando o melhor possível, sentindo-se o melhor possível; vivendo com o máximo proveito, com satisfatória utilidade durante tôda a duração da vida. E também não é sômente uma questão de eficiência física, mas mental, espiritual, de juízo e experiência em expandir-nos em serviço ao próximo. “A crença de que a juventude é o período mais feliz da vida é baseada em sofisma,” afirmou o educador americano William Lyon Phelps. “Pessoa realmente feliz é aquela que tem os pensamentos mais interessantes.” “O sábio,” disse o antigo filósofo e estadista romano Sêneca, “sempre fletirá acêrca da qualidade e não da quantidade de vida.” A vida é como uma torrente que nos arrasta determinada e silenciosamente, sem ponto de parada para qualquer de nós, através do tempo e da eternidade, com cada um de nós sendo o que pode ser, e fazendo o que consegue fazer, por todo o curso da vida. “O propósito da vida” disse Samuel Johnson, “é sempre ir adiante.” “Antes preferiria ser cinza do que pó. Preferiria antes que minha centelha se extinguísse em chama brilhante do que deixar que se asfixie como fôlhas sêcas apodrecendo. Desejaria ser antes um soberbo meteoro, cada átomo meu fulgurando magnificamente, do que um dormente e estável planeta. A função própria do homem é viver, não existir. Não desperdiçarei meus dias tentando prolongá-los. Eu usarei meu tempo.”